

# PENSAMENTO E ARTE

N. 65 — SÃO PAULO, 16 DE AGOSTO DE 1953



DIREÇÃO DE JOAO RAYMUNDO RIBEIRO

## PAUL VALÉRY E AS MATEMÁTICAS

Muitos escritores cultivaram as matemáticas sem as associar à sua obra literária, apenas pela sua utilidade e poder de evasão. Stendhal, por exemplo, deu-se ao seu estudo, segundo ele conta em "La vie de Henry Brulard" a fim de fugir à família: "Alem disso, escreve, gostava e ainda gosto das matemáticas por si mesmas, em oposição à hipocrisia e ao vago, duas coisas às quais tenho aversão".

O caso de Paul Valéry prende-se intimamente à sua maneira de pensar e à sua expressão. Estudara esta ciência e penetrara o seu sentido mais elevado. Não tinha a técnica mas concebia sua substância com precisão e lucidez. Dizia modestamente: "Diante das matemáticas, sou como o cão que olha o osso através das grades de uma jaula". A verdade, porém, era que já lhe sugara o tutano...

Na realidade, sua atividade intelectual repousa sempre sobre uma base científica. Seu gosto pela exatidão, sua análise dos conceitos, sua necessidade de abstração o provam. No fim desta procura incessante pelo abstrato encontra as matemáticas. E' delas que extrai as imagens, as comparações e até a forma de suas argumentações. Este emprego das formulas e da lingua matematica é sempre judicioso e preciso: nunca Valéry se abandona à facilidade do mediocre.

Este gosto pela comparação matematica é nele permanente e encontramo-lo a cada instante. Ele gosta de a colocar na base de toda a teoria mental como um

grupo de postulados e definições sobre os quais agem em seguida as combinações da logica, precisamente como nas disciplinas matematicas.

Ele proprio escreveu: — "Se possuo poucos conhecimentos matematicos, este pouco não deixou de desempenhar um papel importante (talvez desproporcionado) na minha formação intelectual, e até nesta parte de vida que se dedicou à poesia e à teoria da poesia. Pergunto-me, as vezes, se a maior parte das minhas idéias não seriam melhor compreendidas por um pequeno circulo de sabios, do que por uma reunião literaria, pois, não encaro de maneira literaria a literatura..."

Quando Valéry compõe uma obra literaria ou poetica, vê-se na obrigação de acrescentar nova condição à expressão do seu pensamento quanto ao som das sílabas, cujo emprego e a

reunião dão harmonia ao poema ou à frase. "As palavras fazem-me pensar em virtude de sua dupla natureza, nessas quantidades complexas que os geometras manobram com tanto amor... a união da "variação fonetica" com a "variação

Artigo de  
**PAUL MONTEL**  
(Da Academia de Ciencias da França)

semantica" engendra problemas de prolongamento e convergencia que os poetas resolvem de vez em quando (e eis o problema)."

A diversidade e a profundidade dos conhecimentos de Valéry fizeram que alguém o comparasse a Leonardo da Vinci, embora suas atitudes intelectuais estejam fundamentalmente opostas. Leonardo da Vinci utiliza a ciencia no

sentido do exterior, é para ele um simples meio de descoberta. A ciencia de Valéry, é pelo contrario dirigida para o interior de si mesma, enriquece sua força de análise, fornece leis, imagens e comparações que fortificam o seu trabalho de dissecação do pensamento e suas associações.

Se quisermos aproximar o genio de Valéry ao de um grande criador intelectual, podemos escolher Descartes. Como ele, Valéry fazia tabua rasa das convenções, das doutrinas e escolas. E' perante o seu Eu, juiz supremo, que faz comparecer as idéias e os mecanismos que as engendram e associam. Escreveu, aliás sobre Descartes paginas memoráveis, que lhe dizem respeito.

Geralmente, Valéry aplica a linguagem e o aparelho matematico de forma a precisar melhor o seu pensamento ou para ornamentar esta linguagem com a

elegante fluidez do seu estilo.

Em "L'Homme et le Crocodile", por exemplo, Valéry apresenta dois problemas: Em que caso o exame de um objeto permite afirmar que foi feito pelo homem? Por que processo natural, operando por progressões insensíveis, é possível substituir a construção humana obtida por um numero finito de operações que se sucederam de acordo com uma ordem e um plano determinado? Uma concha de molusco, cuja forma lembra o desenho de uma helice e de um espiral. O trabalho de elaboração do manto do molusco solicita o segundo problema, cujo misterio é por enquanto insolúvel. Valéry submete o primeiro a uma análise geometrica cerrada.

Para Valéry, a criação da Geometria pelos gregos surge como elemento fundamental científico; segundo ele, foi sobre esta ciencia que se elaborou a proeminencia da civilização europeia.

"Esta disciplina a ciencia devia nascer, nossa ciencia, isto é, o produto mais característico, a gloria mais certa e mais pessoal do nosso espirito. Há artes de todos os paises, porém só há verdadeira ciencia na Europa". Paul Valéry nunca renuncia à forma matematica da idéia ou da expressão. Sua obra literaria é um monumento de extrema novidade e possante originalidade.

### O pai da Academia

Ainda há quem conteste a Machado de Assis a gloria de fundador da Academia Brasileira de Letras, atribuindo a paternidade daquele sodalicio unicamente a Lucio de Mendonça.

De fato, segundo afirma Antonio Sales, foi Lucio o maior propugnador da criação da Academia, quem apareceu no escritorio onde se redigia a "Revista Brasileira" e agitou primeiro essa idéia, pleiteando o apoio de Machado, Joaquim Nabuco e Verissimo. Foi o ilustre magistrado, prosador e poeta o organizador da primeira lista de 40 nomes de possíveis academicos, acompanhando o exemplo da Academia Francesa.

Diz-se que Lucio de Mendonça, ao fazer esse rol, se inclinou muito para o lado da amizade, tendo sido citados alguns nomes que, decerto, não seriam do agrado do publico. Um deles era o de Graça Aranha. Allás, o proprio Graça, sabedor do que o criterio original era de recusar qualquer nome de intelectual sem obras publicadas, teria tomado a iniciativa de recusar a inclusão do seu nome, pois ainda não publicara nenhum livro. Era o unico, porém, nessas condições.

Foi preciso muita insistencia de Machado de Assis e seus companheiros para vencer essa recusa. Mesmo assim, o numero de "imortais" ficou reduzido a trinta no principio, passando, depois, a quarenta, como Lucio de Mendonça propuzera.

Destaca-se, por varios motivos, a interferencia do autor de "Horas do Bom Tempo" e "Esboços e Perfis" na fundação da Academia Brasileira de Letras, embora a figura de Machado, muito mais conhecida e popular, ganhe, por vezes, maior vulto na historia do cenaculo das letras nacionais.

Diz disse Medeiros de Albuquerque: "A Lucio de Mendonça se applicava perfeitamente a frase de Anatole "Cesont toujours les mêmes que font tout" porque ele fez realmente de tudo. Deixou contos admiráveis, poesias excellentes, trabalhos juridicos, critica literaria, e foi juiz e foi jornalista".

## Suplemento do CORREIO PAULISTANO



### A CARPA - SAULO RAMOS

A enxada raspa a terra roxa,

rasga rapida a terra rasa,

rasga um risco e deixa um rastro fresco,

repassa o resto do mato ralo

e de repente, plin!

Resvala e tine numa pedra fina

que faz um dente

no corte reto da enxada nova.

O rôço da pedra

deixou o corte grosso,

parece rodo o corte rofo da enxada rota

que raspa pouco a terra roxa...

O caboclo sonha

com trator e carpideira

para a carpa,

com instrumentos mais modernos e mais

[nobres,

mas o café traz uma maldição:

será a enxada, eternamente,

na mão dos enxadeiros sempre pobres.

(do poema "CAFÉ")

### A INSPIRADORA DE RAFAEL

Na Via de Santa Dorotéa, em Roma, no velho bairro do Trastevere, ainda existe a casa n. 20, em cuja fachada uma pequena lapide lembra aos passantes que ali, naquela habitação quatro vezes secular e bastante modesta, viveu uma das mulheres mais famosas do mundo, a bela "Fornarina", inspiradora de Rafael.

Foi ali que passou grande parte de sua vida essa encantadora rapariga cujas feições se reproduzem nas mais preciosas composições pictoricas do artista de Urbino, que por espaço de tempo superior a dez anos permaneceu fascinado pela beleza e a pureza das linhas do seu melhor modelo.

Quem era, porém, essa mulher extraordinaria, de tanto renome e sedução?

Tratava-se de Margarida Luti filha de um padeiro de Siena chamado Francesco Luti. Por viver na padaria, recebeu a alcunha de "Fornarina".

Sua fama de moça bonita havia forçosamente de chegar aos ouvidos dos artistas do tempo. Rafael Sanzio não hesitou um instante em procurar uma oportunidade de vê-la. Certa manhã, dirigiu-se ao endereço indicado, espreitou sobre o muro que separa a casa da rua e, no jardim, avistou afinal a linda jovem, quando esta se entretinha em lavar os mimosos pés...

Tão embevecido ficou que não arredou passo. E a fixidez do seu olhar, por um magnetismo estranho, acabou chamando a atenção da rapariga, que, corando, deitou a correr para dentro de casa.

Em breve, porém, conseguiu Rafael induzi-la a servir-lhe de modelo. E as suas madonas, quase todas, foram inspiradas pela tímida moça do trastevere, imortalizada, assim, e para sempre vinculada à gloria do pintor genial.

# P O E M A

GUILHERME DE ALMEIDA

A titia  
borda e espia  
o gato branco, enroscado  
no feltro verde da mesa,  
e acordado  
com certeza.

Um novelo  
em. E ao velo  
o gato, bate na bola  
e a bola, branca de neve,  
pulsa e rola  
fofa e leva...  
Silenciosa

vagarosa  
— uma, duas angolinhas...  
a bola solta uma lenta,  
longa linha  
que se aumenta...

Pouco a pouco  
no mais louco  
desnortecante corrupio,  
A bola desaparece  
Mas o fio  
cresce... cresce...



## MORTE DE BEC- QUEREL

A Academia de Ciências, da França, recebeu a notícia da morte em Sainte-Marguerite, perto de Pernichet, do sábio Jean Becquerel, professor de física aplicada às ciências naturais no Museu Nacional, examinador, depois professor da Escola Politécnica.

Nascido em 1878 em Paris, Jean Becquerel era filho do grande físico Henri Becquerel, cujos trabalhos decisivos sobre o urânio e os corpos radioativos foram consagrados pelo prêmio Nobel de 1903, ao mesmo tempo que os de Pierre e Marie Curie. Como seu pai, ele entrara para os quadros superiores da Escola de Pontes e Calçadas antes de se entregar às pesquisas de física geral.

Jean Becquerel, em 1946, sucedera a Jean Perrin como membro titular da Academia de Ciências.

## COLEÇÃO PAN BOOK

A livreria Civilização Brasileira, à rua 15 de Novembro, 144, telefone 32-0221, acaba de receber as últimas novidades das famosas coleções Pan Book, que são:

Mazo de la Roche, "Young Renny"; M. G. Eberhart, "The Glass Slipper"; Zane Grey, "Förforth River"; Patricia Wentworth, "Grey Mask"; Margaret Kennedy, "The Constant Nymph"; A. G. Macdonell, "England, Their England"; Helen Waddell, "Péter Abelard"; Enid Graham Greene, "It's Battle-Ronald Fraser, "Rose Anstey"; Graham Greene, "It's Battlefield"; e Stephen Lister, "Savoy Grill at One".



## POETAS PAULISTAS

# Misticismo e vida na poesia de Jorge Faleiros

"Venho de muito longe e trago as sete dores,  
No fundo do meu peito em fundas cicatrizes,  
Não tire fé, nem paz, nem jamais tire amores,  
Fui o mais infeliz entre os mais infelizes.

Como encontro mudado o berço de verdades  
Dos meus sonhos de infância em meus dias felizes.  
Este rio, este campo, estas casas, as flores  
As montanhas e o céu já têm outros matizes.

### Por DANTE ALIGHIERI VITA (Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo)

Gleba que me criaste a jornada me aterra,  
Tem espinhos e cardos a estrada que palmilhas,  
Abre-me o teu regaço, estes meus olhos cerra!

Venho tão pobre... vê como estou maltrapilha!  
Oh! não mais conheço a ti que és minha terra,  
Não me conheces mais a mim que sou teu filho!

O nome do soneto é "Minha terra".

Jorge Faleiros "era um romantico disfarçado em parnasiano. O misticismo também lhe inspirou muitas vezes a lira que tão cedo a morte emudeceu" — diz Silveira Bueno.

É, porém, em "Minha Cruz" que o poeta atinge o auge de sua poesia mística, proclamando:

"Achei-a num desvão escuro do caminho  
e os seus braços me abriu, com amor e sem assombro,  
tomei-a desde então, exausto, sobre o ombro,  
e arrasto-a com langor na estrada onde caminho.

Tropeço em cada pedra e sangro em cada espinho;  
deixo um rastro de sangue, e, de escombros em escombros,  
prossigo, sem gemer, mas, se o semblante ensombro,  
entre os braços me aperta à guisa de carinho.

E hei-de morrer assim, num lago bem estreito  
unido rosto a rosto, unido peito a peito,  
e, apertando-a, sentir-me entre os seus membros nus.

O povo há-de dizer, vendo os nossos abraços:  
— Não sei se ele morreu com uma cruz nos braços,  
não sei se ele morreu nos braços de uma cruz!

## RESENHA

\* Continua sendo publicado regularmente, com escolhida e variada colaboração em prosa e verso, o jornal "Letras da Província", órgão oficial das Casas de Cultura de Limeira e de Jaú, orientado por J. Sousa Ferraz.

Cesar Godoy, que estreou nas letras em 1927 com o volume de poemas "Sol", merecendo uma de suas composições ("O Papagaio de Papel") elogiosas referências de João Ribeiro, enviou-nos um exemplar do seu último trabalho publicado. Intitula-se "Sombras" e é uma coleção de pequenos sonetos (eromos), gênero aparentemente simples mas que exige do poeta muita experiência e arte na sua execução. Uma dessas composições, colhida ao acaso, serve para dar ao leitor uma ideia da habilidade de Cesar Godoy: "Brincávam numa planura, — Entre rosas em flor, — A impenitente Loucura — E o lindo jovem Amor. — E foi tanta a travessura — Do Bulcão foi tal o arder, — Que de repente a Loucura, — Vasou os olhos do Amor. — Cheio de imensa amargura, — Cupido pede o rigor — Da olimpica judicatura. — Da lei foi este o teor: — Que seja sempre a Loucura — O guia fiel do Amor".

Edição pela Livraria Saraiva, deverá ser publicado em breve mais um romance de Ondina Ferreira, cujo título é "Medo". A julgar pelos trabalhos anteriores da autora, é justa a expectativa em torno desse seu novo livro.

A sra. Maria Pagano Botano, já bastante conhecida nos meios literários pelos seus trabalhos em prosa e verso, quer publicados em jornais e revistas quer reunidos em livro, sob o pseudônimo de Marior, é uma poetisa de delicada inspiração, que conhece a arte de versejar e sabe comunicar ao leitor suas emoções através da poesia, bem trabalhada e sem artificios. Seu último livro "Amor! Fonte da Vida!", editado pela Livraria José Olympio, com ilustrações do prof. Sebastião Pagano, confirma esses conceitos, pondo em relevo a fina sensibilidade e o talento da autora. O soneto do pórtico do volume, que dá nome ao livro, é este: "Amor! Fonte do Bem, Fonte de toda a Vida. — E' de ti que promana a gloria de viver. — Vem depressa acalmar a minha alma ferida, — E faze-me o passado em sonhos esquecer. — Dos meus olhos afasta a imagem dolorida — Do tédio, que nos fere e nos revolta o ser; — Aos meus labios concede a prece enternecida, — E deixa-me, feliz, teu nome bendizer! — Derrama sobre mim tua aurea claridade; — Em meu caminho espalha o aroma da bondade, — E envolve-me em ternura o triste coração... — Para que eu possa, Amor, da vida entre os escolhidos, — Tua imagem ter sempre a sorrir em meus olhos, — Ter sempre dentro da alma a divina ilusão!" Théodore de Banville tinha horror pela lingua inglesa. — "E' pobre, é seca, falta-lhe doçura e não tem harmonia nem personalidade!" — costumava ele dizer. Um dia, certo lord, sabedor de sua anglofobia, censurou o poeta por severidade de sua opinião. — "Mas — insistiu Banville — se a lingua inglesa é pobre e até mesmo seus andrajes foram emprestados de outras!" — "Entretanto — murmurou o lord — nós tivemos um Shakespeare..." — "Pois sim! — retrucou triunfalmente Théodore de Banville. — Shakespeare! Pois até esse era francês! Ele se chamava Jacques Pierre e os ingleses o adotaram massacrando-lhe seus dois prenomes!"

\* Pensamento de UNAMUNO: — "Quero vulto e não sombra de imortalidade".

\* Vai reaparecer, circulando como suplemento do vespertino carioca "A Noite", aos sábados, o suplemento "Letras e Artes", suspenso quando do fechamento do jornal "A Manhã".

Mas, não é só o misticismo que inspira o poeta senão também a sua vontade de viver que se traduz na "Saudade", da:

"Tarde... cinza que vem do céu Passado...  
o coração em cinza e pó!  
Lá fora, tanta luz, tantas flores no Prado,  
tanta gente feliz, tanto noivado,  
e aqui dentro eu tão só!

A noite se debruça  
medonha e calma...  
Na atra sombra que vem do céu se embuçou  
minha alma.  
Nafraga o mar  
na borda  
do horizonte, onde o mar parece que transborda.  
Recorda!  
Recorda e sonha. A nuvem passa  
Minha alma vai atrás da nuvem; sonho  
e fumaça também é todo sonho.

A nuvem é fumaça,  
Os sonhos passam como a nuvem passa".

Mas, parece haver alguma coisa na mente do poeta como a lhe dizer: os sonhos são sonhos. E os sonhos são. E como que a cair novamente na realidade, recomeça:

"Recordo sim, recordo, um moço tão feliz  
que conheci outrora;  
ditoso se entre os bons, ditoso se entre os vis,  
jazia rir a quem chorava e agora  
ele mesmo é que chora".

E depois de acentuar contrastes, continua:

"Cruzo os braços no peito abraçando a mim mesmo.  
Divago a esmo.  
Rememorar!...  
Ai! que vontade de chorar!  
E choro de saudade de mim mesmo..."

E o poeta apela para a vida, para o calor, para o sol que fecunda a natureza:

"Em luz que traga ao mundo um pouco de conforto,  
E em poeira que lhe lembre o pó em que me fiz,  
E eu terei a ilusão de ser, depois de morto,  
o pó da minha terra e o sol do meu país!

Pouco antes, em outros versos, havia apelado num assomo de panteísmo lírico, para o sol, como símbolo de vida:

"Mitiga a dor humana, aberto num sorriso,  
desfaze a treva, acende o dia, o mundo invade,  
desvenda lá no espaço o azul do paraíso  
e espalha aqui na terra a luz da liberdade.

E a sentir, talvez, a vida fugir mais ainda a sua imaginação se exalta:

"Inebria-me, ó! sol, incendeia-me a fronte,  
abrasa-me no olhar a lagrima retida,  
e deixa-me sonhar scrutando o horizonte,  
a alma lavada em luz, inundada de vida!"

E na mesma exaltação e euforia momentânea, grita:

"Enlouquece-me, ó! sol, ateia-me fecundo  
no cerebro do poeta a floração ingloria,  
e deixa-me cantar, esmando pelo mundo,  
tonto de claridade e bebado de gloria.

Esses versos são de "Hino ao Sol" onde há esta exortação:

"O! sol dourado! O! sol bendito! O! sol ardente  
do Brasil, tropical, grão-visir do infinito,  
senhor do mundo, autor da vida que é latente,  
tu meu pai, tu, ó sol! se é Deus, ouve meu grito!

mas, agora, quem sabe, descrente, desesperado, chega a suplicar pela eutanásia, para libertá-lo da forma infinita, para se tornar luz, livre, imortal:

"Assassina-me, ó! sol, queima-me esta caveira,  
faze de mim um ser que o ihar ninguém se ajoite,  
Encinera-me, ó! desmancha-me na poeira,  
torna-me fogo fatuo, em luz, dentro da noite!

Mas o poeta ainda tem esperança, ainda tem ilusões, que algum milagre o torne:

"Em luz que traga ao mundo um pouco de conforto,  
E em poeira que lhe lembre o pó em que me fiz,  
E eu terei a ilusão de ser, depois de morto,  
O pó da minha terra e o sol do meu país!

Jorge Faleiros nasceu em Patrocínio do Sapucaí, S. Paulo, a 3 de novembro de 1898. Estudou no seminário de Batatais e no seminário provincial de São Paulo.

Escreveu em prosa e verso, em português e latim. Deixando a carreira eclesiástica, fez-se professor e jornalista. Publicou o livro de versos "Nirvana". Faleceu em São José dos Campos a 19 de novembro de 1924. Diz sua prima Maria de Lourdes Faleiros, que conheci em São João da Boa Vista, que o discurso de Silveira Bueno, que fôra seu colega de seminário, feito à beira do tumulto do poeta de "Nirvana" fez jorrar lagrimas a todos que ali se encontravam no momento, tão sentidas e tão comoventes foram as suas palavras de despedida.



# O ateu Medeiros e Albuquerque

JORGE AZEVEDO

MEDEIROS e Albuquerque exercia sobre o meu espirito irresistível fascinação. Entusiasma-vam-me a sua atividade de polígrafo e aquela independência característica de sua pena, sempre afiada para retalhar qualquer assunto. Surpreendendo-o em todas as publicações — contando um caso curioso — assinando uma crônica palpitante ou fuzilando alguém num artigo corajoso — convencendo-me ainda mais que o múltiplo escritor fizera seu lema de uma frase que pronunciara num discurso sobre a fundação da Academia Brasileira de Letras: "Ter idéias é muito bom; muito melhor é, porém, executá-las, torná-las práticas, dar-lhes realidade".

Mas a minha admiração por Medeiros e Albuquerque arrefecia um pouco a evidência de sua descrença. E muitas vezes me perguntava a mim mesmo se aquele dinamismo criador que tornava Medeiros ubíquo e onipresente no mundo das letras — não seria, já, a prova de uma força superior dirigindo o seu espirito e o alimentando milagrosamente para a produção continua que o tornava insuperável. A dura verdade era, no entanto, esta: Medeiros não acreditava na existência de Deus. E tanto não acreditava que sobre o seu ateísmo contavam este caso, muito publicado, atualmente, pelos colecionadores de anedotas literárias.

Conta-se que monsenhor Raimundo de Brito, verdadeiro príncipe da Igreja, conheceu, quando exercia o reitorado do Colégio Pedro II, o então ali estudante Medeiros e Albuquerque, a quem, seguindo o preceito cristão de amor ao próximo, embora condenando-lhe os erros, consagrou grande e corresponsável afeto, até morrer. Já arcebispo de Olinda, monsenhor Raimundo de Brito recebeu a visita de Medeiros e, no paço arqui-episcopal, apresentou-o assim a um prelado:

— Eis aí o único hereje entre os meus amigos...

A fama do seu ateísmo vinha, como se vê, dos bancos escolares. E o interessante é observar que, mesmo ateu, o estudante merecia a amizade do reitor, talvez dominado por aquele belo espirito em formação.

Aproximava-se Medeiros e Albuquerque dos trinta anos quando Lucio de Mendonça, escrevendo suas famosas crônicas "Caricaturas Instantâneas" na "Gazeta de Notícias", focalizou a sua figura de panfletário. Medeiros era, na época, muito magro. Ilustrando o artigo vinha uma caricatura do polemista feito por Julião Machado, um "cartaz" daquele tempo. Dizia, num trecho, o Lúcio de Mendonça: "O primeiro fruto de seu talento que lhe recomendou o nome foi o livro dos "Pecados", versos com que aliás nunca me encontrei e só de nome conheço. Feita a República, Aristides Lobo, que o estimava pelo verdadeiro mérito, colocou-o

na secretaria do Interior, na diretoria da Instrução. Nesse tempo, o "Langrista" — que era o Medeiros: langrista, sinônimo de margrila — usava colete vermelho nos atos solenes como no espetáculo do Teatro Lírico em que se tocaram os projetos do hino da República. O escolhido, o de Miguez, teve a letra escrita por Medeiros que, assim, colheu a honra de ser publicado no "Diário Oficial" e desfrutou o gosto único de ver os seus versos na coleção dos decretos do Governo Provisorio..." E por aí, nesse tom amável, continuava Lúcio de Mendonça focalizando o nosso ateu.

A referência de Lucio sobre "Pecados" me pôs ansioso por descobrir o livro raro. E, apesar de meus esforços junto a amigos e dias e dias na Biblioteca Nacional, a sorte não me favoreceu. Tinha esta esperança: através dos seus versos teria eu que descobrir a revelação que "traíra" o querido ateu. Porque jamais acreditei existisse um verdadeiro poeta que descesse da existência divina sendo a poesia, como é, a sublime manifestação dessa esplendida verdade. Mas todos os esforços resultaram infructuosos. Desanimei e deixei o tempo realizar a sua obra reveladora.

E o tempo a realizou: trouxe-me às mãos o livro FIM de Medeiros e Albuquerque. E nele encontrei, vibrando de alegria, a série "Sonetos Cristãos" — talvez a mais linda no gênero — em que a alma do "ateu" se descobria inteira embora, vaidosamente, o "intelectual", explicando a série, escrevesse: "Os sonetos reunidos sob o título — "Sonetos Cristãos" — não traduzem nem uma versão, nem uma exploração literária, no gênero das que fizeram Huysmans, Verlaine e tantos outros. Em certa ocasião, uma religiosa, que me honra com sua amizade e cujo nome este livro não é digno de mencionar, mandou-me uma formosa edição da "Imitação de Cristo", prefaciada por Louis Veullot. Eu conhecia o livro na tradução portuguesa, edição Garnier, conhecia a paráfrase em verso de Corneille e a tradução, também em verso, de Afonso Celso. Com o mesmo encanto que das outras vezes, reli, porém, pela quarta vez a celebre obra. E porque ela me pareceu um manancial de poesia católica, como é de poesia védica e Rin-Veda, inspirei-me em suas páginas, para fazer os sonetos a que dei o título geral de "Sonetos Cristãos". No entanto, eu creio que, enquanto os estava compondo (o grifo é do próprio Medeiros) era perfeitamente sincero. Se isso acontece a qualquer homem de letras, no momento da composição, mesmo contando ou cantando sentimentos bizarros e extravagantes, mais facilmente pode acontecer a quem já foi um crente fervoroso e teve, portanto, apenas que ressuscitar um estado de espirito que conhece".

Afirmava Medeiros e Albuquerque que, enquanto compunha os sonetos maravilhosos da série inigualável, era perfeitamente

sincero. E depois, quando seus olhos pousavam sobre os sonetos e seu espirito lhes sentia a beleza? Estaria sendo talvez imperfeitamente insincero para consigo mesmo?...

Basta-nos ler este soneto, o oitavo da série, para "sentirmos até onde ia — enquanto os estava compondo" — o ateísmo de Medeiros e Albuquerque:

## ORAÇÃO

*Eu sei, Senhor, que não mereço nada,  
mas ponho em tuas mãos humildemente  
meu coração que sofre. E, resignada,  
minha alma aguarda, confiante e crente.*

*Quando eu chegar ao termo da jornada  
em que a Morte, emboscada, espera a gente,  
tem pena de minha alma amargurada,  
vê que eu também sou filho — e sê clemente.*

*Perdoa-me, meu Deus, se sou culpado,  
se tanto crime fiz, tanto pecado,  
que hoje choro contrito, — e dá, Senhor,*

*que no céu glorioso, que te exalta  
no céu profundo, não se sinta a falta  
de minha voz cantando o teu louvor!*

Hoje, evocando Medeiros e Albuquerque, cujo nome constitui uma bandeira de trabalho intelectual ininterrupto como válvula de extraordinário entusiasmo criador, medito

sobre o doloroso destino dos artistas neste mundo perturbado e rogo a Deus:

— Dá, Senhor, que eu também seja assim: ateu.

## À PROCURA DE PRESTES JOÃO

SINESIO TRINDADE E MELO

COMO todos sabem, e a história o comprova, distinguiu-se a Idade Média pela exacerbação das paixões humanas, dos sentimentos religiosos, das tendências místicas e das superstições. Ao par das mais sublimadas virtudes, os mais infames delitos... Foi a época, também, em que a fé religiosa e as leis da cavalaria conseguiram humanizar os costumes bárbaros dos povos belicosos que antes se entrededoravam na exigua faixa de terra da Europa. As ameaças constantes dos muçulmanos, tartaros e mongóis, além das tremendas catástrofes, como a peste negra, tiveram o efeito de provocar uma reação salutar, afervorando a fé cristã e os sentimentos heróicos em todos os países daquela parte do mundo antigo. Os homens, desde os príncipes aos mendigos, viviam num ambiente de religiosidade, embora existissem os que se entregavam ao demonismo e às tendências do instinto primário. Os seus atos eram pautados em nome da religião, norteando pelos dogmas, pelas superstições e os mistérios aterradoros os seus desejos e as suas idéias.

As narrativas fabulosas, as coisas fantásticas ou inverossímeis eram tidas por verdades incontestes, sem passar pelo crivo da análise. E a atração do maravilhoso prendia o espirito e a imaginação, como, aliás, ainda hoje, em pleno século XX, entre os homens de toda categoria. O desconhecimento dos fatos e da realidade dava curso a lendas as mais estranhas.

As noções geográficas, astronômicas e da história natural, por carencia de observação e de conhecimento real, continham os maiores absurdos, mesmo em contrariedade às leis da natureza. Cria-se, por exemplo, que o firmamento era uma abóbada de matéria sólida que cobria a terra, plana, como uma imensa redoma, acima do qual existiam outros céus e o Empíreo. Julgavam que o Atlântico era povoado de monstros horrendos e que suas águas se tornavam cada vez mais quentes na direção do Equador, onde o mar ferveria e a terra encandeceria como uma fornalha ardente. Acreditavam plamente que o Nilo (e os rios Zaire ou Congo e Niger, posteriormente) em contrariedade a todas as leis físicas, nascia no paraíso terrestre. Como estes, muitos outros abusos ganharam foro de verdade.

Uma das lendas que mais fascinaram os homens daqueles tempos, foi a de um misterioso rei-sacerdote cristão, cujo reino estaria encravado entre imensidade de povos pagãos, em lugar remoto e indeterminado da Ásia ou da África.

A este rei-sacerdote dava-se o nome de Prestes João, e a seu respeito corriam notícias as mais desencontradas, divulgadas por viajantes e aventureiros. Tais viajantes, que percorreram as terras dos infieis, em ramos e épocas diferentes, julgavam descobrir o reino de Prestes João por indícios de cristianismo em lugares por eles percorridos. Assim, por exemplo, Rubouquis, que teve uma dramática odisséia em consequência da invasão dos mongóis à Europa, colocava a residência de Prestes João na Mangolia. Duplan de Carpino, tendo encontrado ou tido notícia de uma comunidade de cristãos nestorianos na Índia, acreditava ter achado o fabuloso reino do rei-sacerdote. Outros viajantes, aventureiros e mercadores colocavam-no em pontos diversos, na Abissínia, na Pérsia, no Caucaso.

Em Portugal, a opinião dominante era a de que o reino de Prestes João estava situado na África, e mais persuadidos ficaram a este respeito, quando os portugueses tomaram Cênta na segunda década do século XV e tiveram conhecimento de muitas histórias fabulosas narradas pelos mouros, entre as quais a de um reino cristão situado para além do deserto do Saara.

Ao infante d. Henrique se deve o início do chamado "Periplo Africano" de que resultou o grande império português que alcançou o seu apogeu no século XVI com o domínio das quinzenas lusitanas na América, África, Ásia e arquipélagos da Oceania. Este príncipe esteve na tomada de Cênta com seu pai, d. João I e quatro de seus irmãos. Tendo ficado como governador desta praça africana, recolheu infinidade de informações, reais ou fabulosas, não somente a respeito de Prestes João como de outros povos e de terras auríferas ao sul do deserto. Baseado nestes dados, fundou a celebre "Escola de Sagres" para a qual convidou navegadores, cosmógrafos e pessoas instruídas em outras ciências, para o estudo e desenvolvimento da arte da navegação, ainda na infância.

E com este grupo de sábios guerreiros e navegadores deu começo à aventurosa façanha de afrontar os terrores do "Mar

## A ROSA

MANUEL BANDEIRA

A vida inestável,  
Os ombros lânguidos,  
Piauí aberta  
As mãos exangues  
De encontro ao peito.

Alguém coisa  
O punge ali  
Que ele não ouça  
Lançar de si,  
O' pobre doído!

Uma sombria  
Rosa escarlate  
Em agonia  
Faz que lhe bata  
O coração...

Sangrenta rosa  
Que evoca o louca,  
A voluptuosa  
Volável boca  
De sua amada...

Ah, com que meiga,  
Com que desgosto  
Dais fios de água  
Lavam-lhe o rosto  
De faces lívidas!

Da veste branca  
A' longa túnica  
Por fim arranca  
A rosa púrpura  
Em um solago.

E parecia,  
Jagando ao chão  
A flor sombria,  
Que o coração  
Ele ataraxava!...

Tenebroso" e os monstros terríficos que o povoavam. A glória dessa façanha homérica perlece quase que exclusivamente aos cavaleiros da Ordem do Cristo, da qual era grão-mestre o infante d. Henrique. Sendo a sua missão combater os mouros e converter os infieis, competia, portanto, aos sucessores da Ordem dos Templários a missão de descobrir novas terras e apossar-se delas e de seus tesouros para a coroa de Portugal; e, acima de tudo, competia-lhes descobrir o fabuloso reino de Prestes João.

No entanto, nada conseguiram de positivo neste ponto; quanto mais avançavam as naus portuguesas pelas costas africanas abaixo, mais remota era a probabilidade de encontrar o misterioso rei-sacerdote.

Quando Diogo Cão chegou com as suas naus ao Congo, à foz do rio Zaire, em 1482, brilhou uma fugaz esperança de haver sido alcançada a meta final. Tendo subido rio acima, encontraram os portugueses uma nação de negros governada por um rei, cuja capital era Benin, que com seu povo se converteu ao cristianismo e fez pacto de amizade com o rei de Portugal. Pelos negros da região, souberam da existência de um poderoso monarca, chamado Ogane, cujos domínios estavam a duzentas e cinquenta leguas ao oriente, no interior do continente, do qual o rei da margem do Zaire era tributário.

O poderoso Ogane não se mostrava aos embaixadores; estes, somente quando se despediam dele, viam um pé sair por baixo de uma cortina de seda, por detrás da qual se encontrava o despota negro; depois de prestar homenagem a este pé, os embaixadores recebiam umas pinguetas cruces como presentes.

Por estes objetos, supuseram os portugueses tratar-se do fabuloso Prestes João. Mas foi um engano. Ogane não era cristão...

Apesar de muitas décadas decorridas, não desanimaram na busca. Em 1487, d. Manuel I que sucedera a d. João II, falecido três anos antes, tendo obtido novas informações, decidiu enviar em pesquisas o capitão Pedro de Covilhã e Afonso de Paiva à Índia.

Os dois ousados agentes do rei lusitano reuniram-se a uma caravana árabe em Fes, no Marrocos, e conseguiram alcançar, por terra, o monte Sinal, junto ao Mar Vermelho. No porto de Aden, na Arábia, os dois companheiros se separaram, dirigindo-se Afonso de Paiva à (Conclui na 14.a pag.)

# SCENA DE COMEDIA

De JULIA LOPES DE ALMEIDA

— Bons dias, Manuel!  
 — Tu aqui!  
 — Como vês. Estás só?  
 — Completamente.  
 — Nesse caso venho fazer-te um pouco de companhia. Pela tua saúde não pergunto: tenho sabido por tua mulher que estás bom.  
 — Como assim? Tens vindo cá à casa?  
 — Não; precisamente quando venho à tua casa é que não vejo tua mulher?  
 — Então onde?  
 — Em todo parte, por aí...  
 — E's mais feliz do que eu, que ando o dia inteiro pelas ruas, nunca a encontro por acaso. Mas insisto: Onde a viste?  
 — Espera... segunda-feira, na rua do Ouvidor...  
 — Ia ao dentista.  
 — Terça-feira, em casa da D. Rufina.  
 — Fazia anos a Rufininha, e ela não podia faltar.  
 — Quarta-feira, no Corso.  
 — A mãe veio busca-la.  
 — Quinta-feira à porta da Candelaria, com ar de quem acabou de ouvir um sermão!  
 — E' inexgotável a paciência das mulheres!  
 — Sexta-feira...  
 — E's um calendário!  
 — Escuta: sexta... Ah! sexta na barca de Niterói.  
 — Que diabo foi ela fazer em Niterói?  
 — Não sei. Sábado, na Avenida Central, às duas da tarde, e no "link" às nove da noite.  
 — A irmã veio desencaminha-la, para ver patinar os filhos.

— Como hoje, domingo é dia de descanso, pensei que talvez ela não soubesse e vim vê-la, de tal modo me habituei à sua presença...  
 — Perdoo-te a insolência e ainda por cima te ofereço uma cadeira; senta-te.  
 — Obrigado. Requite a tua amabilidade, mandando-me um copo de cerveja, se acaso a tua mulher não levou a chave da adega...  
 — Que lembrança! Enquanto não vem a cerveja, toma um charuto... presente do Vale.  
 — Tanto melhor; o Vale é meu inimigo; tenho o maximo prazer em concorrer para a sua ruína.  
 — Bom. Agora, acomodado e satisfeito, — desabafa.  
 — Os desabafos de um homem satisfeito são quase sempre inofensivos, e é para obstar que eu te aborreço, que tu me cercas assim de tamanhos carinhos... Não há ninguém no mundo que saiba como tu defender o sossego do seu espirito. Nasceste para marido.  
 — E' o que diz minha mulher. Adiante.  
 — Arrefeeste-me o animo. Não posso continuar.  
 — Vou reavivar-to. Estranha-se, então, por aí, que eu conceda tantas liberdades à minha mulher?  
 — Que diabo, tudo que é excessivo é notavel...  
 — Alguem ajudou a isso na tua presença?  
 — Não...  
 — Sem reticencias.  
 — Não.  
 — Bom. Nesse caso, a observação é só, só, só tua?  
 — E' só, só, só minha.

— Mas... o caso complicase.  
 — Como assim?  
 — E' cá uma ideia.  
 — Pondo agora de parte a tua ideia, em que não posso penetrar sem explicação, deixa-me dizer-te o que hoje constítui um reparo unicamente meu, porque por estimar-vos tenho os olhos fitos em vós, pode ser, e será por certo amanhã, de todo o mundo. Sabes o que é esta nossa sociedade...  
 — Sei. E então?  
 — Então, vendo uma senhora casada continuamente aqui, ali e acolá, sem o seu marido, acabará por formar dela um juízo, tanto mais perverso, quanto mais injusto...  
 — Mas, filho, se o que a diverte a ela me aborrece a mim? Se tenho plena confiança no seu criterio e, de resto, não me sobra tempo para espetáculos e passeios, a que aliás ela não vai só, mas com sua mãe ou sua irmã?  
 — Muitas vezes a encontro sózinha...  
 — De dia claro, a compras... ao dentista... que diabo! nós estamos longe da idade média! Também eu todos os dias encontro moças sózinhas na rua, e não me occupo em imaginar de onde elas vêm ou para onde elas vão.  
 — Sempre tiveste um feição muito especial; mas deixes desconfiar de que os outros não são como tu, e que vendo uma senhora como a tua constantemente só na rua, acabem por formular duas hipóteses.  
 — Duas? está bem: isso já me dá um certo sossego. Antes duas do que uma...  
 — Decididamente, não és o homem da paciência!  
 — Não. Sou um homem da reflexão. Continua. Uma das hipóteses, é?...  
 — Que sendo tu homem político, pensem que laças tua mulher à cata de simpatias, relações, que engrossam a corrente que te leve até uma cadeira senatorial. Conheci uma senhora que pedia votos para o marido aos caixeiros do armário em que comprava, ao dentista que lhe obturava os dentes, ao seu florista, ao seu perfumista, ao seu sapateiro, ao seu cocheiro, ao seu professor, e por intermédio de amigas ou conhecidas; aos confessores, sapateiros, perfumistas, floristas, parteiros, dentista, etc. dessas mesmas amigas ou conhecidas! Uma lastima! Não há praga mais ridícula do que a esposa de um futuro deputado em vespéra de eleições, quando ela quer cooperar para os triunfos políticos da sua cara metade.  
 — Prevalecem-se, talvez, das suas prerrogativas e...  
 — Sim. São busivas. Falam como toda a gente, sem distincção de classe... querem ter a vaidade de dizer ao marido: dei-te tantos votos! Trabalhei por ti como ninguém mais! e outras asneiras. Ah, francamente, quando vi tua mulher outro dia entrar na barca com um vestido sério, mas que se impunha pela sua elegancia, e uma bolsinha na mão... tive a sensação de que essa bolsa ia recheiadinha de papéis... os classicos papelzinhos das urnas, e senti um calafrio percorrer-me a espinha.  
 — Coincidencia de alguma corrente de ar que te constipasse na ocasião.  
 — E's fleumatico. Serás até capaz de agradecerias de joelho a tua mulher todos os passos que ela desse na propaganda do teu nome.  
 — Certamente. E' sempre lisonjeiro para um marido saber que sua mulher se interessa pela sua prosperidade.  
 — Ideal!  
 — Vamos à outra hipótese.  
 — A outra? sabe-la tão bem como eu.  
 — Dize sempre.  
 — Para que? tu não ignoras a malignidade do nosso povo... de resto, bem provocada por um certo numero de namoros que se não vexam da exhibição.  
 — Mas que tem minha mulher com o namoro dos outros?  
 — Dos outros? nada. Está claro: nada!... E tu?  
 — Eu?  
 — Sim. Tu que tens com o namoro dos outros?



— Nada... E tu?  
 — Também não tenho nada.  
 — Ora, pois, se não tens nada com os amores alheios, entretenho-nos a falar dos nossos. Tu estás apaixonado.  
 — Er?!  
 — Ainda não tinhas dado por isso?  
 — Não...  
 — Toda a gente lá percebeu. Até minha mulher, que é miope.  
 — Queres fazer romance?  
 — Não; quero avisar-te de um perigo, para o qual deslizas vertiginosamente. Vieste falar-me como amigo interessado pela minha honra; vou falar-te como amigo interessado pela tua felicidade. Conheço-te desde que me conheço, o nosso afeto é como de irmãos genéticos; foi isso que te autorizou a dizer-me o que dissesse, e isso que me autoriza a dizer-te o que te vou dizer.  
 — Estou curioso.  
 — Acredito que atribuas a uma outra causa o sentimento que te agita; mas a verdadeira está longe de ser a que pensas. Supões ter zelos de minha mulher por mim e de fato os tens por ela. Que salto foi esse?! — sossega e escuta-me com paciência.  
 — Não te entenda.  
 — Vais entender-me: Tu amas minha mulher.  
 — Estás louco!  
 — Volta a ti... Sem o pensar, estamos realizando aqui uma destas cenas ultra-modernas, em que a lealdade se confunde as vezes com o cinismo... Volta a ti, repito; estás pálido como um cadaver, e enquanto te vir com essa cara não terei coragem de continuar.  
 — Que ideia... que ideia!  
 — Olha para dentro de ti... mergulha e teu olhar até bem no fundo do teu coração, e responde-me depois se me enganar.  
 — Enganaste-te, enganaste-te, por força que te enganaste.  
 — Nada de precipitações!  
 — Que juizo fazes tu de mim e que te autoriza a dizer semelhante barbaridade? Estás louco... possivelmente, estás louco!  
 — Em vez de me responder com essas palavras, que não querem dizer nada, diz-me: que levará teus passos ao encontro de cada passo que minha mulher dá na rua?  
 — O acaso!  
 — O acaso deixaria de o ser, se nos servisse todos os dias com a pontualidade com que te serviu... Deve haver um nome para essa especie de magnetismo amoroso que atrai de longe os individuos à presença do objeto amado... Os meus estudos de fisica foram muito imperfeitos para que eu possa determina-lo...  
 — Basta, basta; não imaginas o mal que me fazes!  
 — Não basta; tenho ainda a dizer-te que não foi só o acaso, o instinto, ou o que quer que seja, que te fez tão encontradão com minha mulher. Tu soubeste, de vespéra, por mim, que ela iria à casa de d. Rufina. Sim ou não?  
 — Não sei... Sim... parece-me que sim!  
 — Soubeste, de vespéra, por mim, que ela iria ao dentista na segunda-feira, ao meio dia. Sim ou não?  
 — Sim...  
 — Soubeste, por mim, visto que me lamentava de não poder acompanhar-la, que ela iria ao corso! Logo... aí estão tres encontros que eu tenho o direito de não julgar casuais. Ainda não voltaste a ti... tens a expressão de quem acaba de esbarrar com um fantasma... o fantasma da Verdade que te surpreende, hein?... Sossega.  
 — O que dizes é absurdo. E' torpe; é...

— E' humano.  
 — E' falso.  
 — E' tão verdadeiro que, em vez de saltares num arranco, desmentindo a minha acusação num gelito, tu empalideces, embaraças-te em negativas frouxas e revelas no teu assombro que descobri em ti um segredo, que de ti mesmo estava occulto...  
 — Eu não tenho segredo nenhum, nenhum! amo tua mulher como uma irmã, porque é tua mulher e nada mais... E é por isso que me interessa... Sufocas-me, deixa-me respirar, ir-me embora, adeus... que ideia a tua!  
 — Não vás; escuta ainda: vou acordar na tua memoria um fato que perfeitamente explica a minha atitude de hoje. Foi este: no dia em que me casei, disse-te a ti: — João, quanto mais moço do que eu, tu tens sido tudo para mim; sem o teu auxilio eu não teria nome nem profissão; sem a tua amizade eu não teria tido horas felizes na minha tormentosa mocidade... Até hoje não occultei de ti ações nem pensamentos, fortunas ou reveses.  
 — Nesta hora, que eu considero a mais perturbadora de toda a minha vida, a falta de creença religiosa que me impella a ir confessar-me a ti, afirmando-te que o afeto que nos liga desde a mezanite será mantido por mim até à morte, com o mesmo respeito, a mesma lealdade de todas horas, antigas e presentes, desgraçadas ou felizes. Chocamos abraçadas, junto àquela estante, e nesse ultimo abraço de solteiro senti soltar os meus amores mortos e que também foram teus: minha mãe... minha irmã... tua irmã...  
 — Por que evocas o passado?...  
 — Porque só ele explica o presente. A nossa amizade era uma coisa muito pura, para ser despedaçada por um impulso de amor proprio... ofendido.  
 — Mas por que há de crerem sentimento que não existe e forjar uma ideia de crime onde não há a minima...  
 — Para; não prossigas. Já não estás convencido do que dizes, esqueces-te de que és transparente para mim. Não foi hoje que eu descobri o teu segredo... Não foi! Ele veio-se-me revelando aos poucos... até à ultima vez que vieste almoçar comigo. Estavamos no terraço... olhavas com impaciencia para a porta, à espera de vê-la... e quando enfim ela entrou com uma braceda de rosas no avental, tiveste um sobressalto tão vivo que minha mulher deu uma daquelas suas gargalhadas infantis, perguntando-te se tinhas medo dela! Lembra-te?  
 — Lembra-me...  
 — Coraste... peguei-te nas mãos; estavam geladas. Trem...  
 — Por que não me disses-te?! por que não me avisaste?!  
 — Pst... pst!... minha mulher chegou... Ouve as suas gargalhadas?  
 — Entra contente da rua... Não tarda aqui. Disfarça.  
 — Falso.  
 — Não; fica. Eu estou de sentinela.  
 — Não, não; deixa-me fugir!  
 — Fica. Já disse. Não dramatizes o teu sentimento, domina-o. E' o teu dever.  
 — Ah, mas que especie de homem, então, és tu, que...  
 — Sou um homem antigo, que ainda crê na honestidade das mulheres honestas e na lealdade dos amigos leais como tu!  
 — (Abraçam-se lentamente. Ouve-se o riso moço de uma mulher que se aproxima).

## POETAS DE PORTUGAL

### SONHA...

(Inedito e exclusivo para PENSAMENTO E ARTE)

Não dês ouvidos maus ao que te contem sobre as ondas do mar que já rolaram! Não destruas os sonhos mal despontem, se novos horizontes se avistaram! Não me perguntes hoje o que fui ontem, se me tens como as ondas desejaram! Naufrago dado à praia, comumente, receia mais o mar... é mais tremente...

Se sentimos o amor em nos florir e as estrelas quedarem-se sem pressas, olhando-nos alegres, a sorrir, com acenos de luz e de promessas, se há todo um mundo novo a ressurgir, um sonho que és tu mesma que começas, pede a Deus, nas tuas orações, que nos mantenha as doces ilusões!

E fica assim, pairando sobre a vida, suspensa pelo sonho nos espaços, por luminosos nimbos envolvida, a semear quimeras nos meus passos! Cada petala solta, desprendida, mais nos estreitará nos nossos braços, não consentindo em nossos horizontes que se emudeça a musica das fontes...

O mundo é de misterios e de assombros, de incertezas constantes... Mesmo assim, poderá construir-se nos escumbros muito ninho de amor, muito jardim... Deita a tua cabeça nos meus ombros, deixando-te ficar ao pé de mim! E, p'ra que a hora nunca nos transponha, fecha os olhos e sonha!... Sonha... sonha...

HERNANI DE LENCASTRE



PIOR A EMENDA...

— Quem é aquele rapaz com cara de idiota?  
 — Oh! Senhor... Aquele é o meu irmão!  
 — Ah! desculpe-me. Não tinha reparado... Agora é que vejo como se parece com a senhora.

Onde nasceu o grande escritor português? Aveiro ou Póvoa de Varzim?

Transcorre hoje mais um aniversário do falecimento no já longínquo ano de 1900, de José Maria d'Eça de Queiroz, o mais discutido e comentado dos escritores portugueses, cuja biografia tem dado margem a diversas confusões e contradições, desde a determinação do lugar de seu nascimento até a data de sua morte, que alguns pretendem, erroneamente aliás, seja 17 de agosto. Erroneamente, porque a certidão de óbito, lavrada em Paris, e datada de 17 desse mês, é bastante clara: "Acte de décès de José Maria d'Eça de Queiroz, âgé de cinquante quatre ans, consul de Portugal à Paris, chevalier de la Légion d'Honneur, né à Aveiro, Portugal, décédé hier, y quatre heures trente cinq minutes du soir..."

Mas, quanto ao local do nascimento do escritor, muita coisa já se disse, tendo tres cidades reivindicado essa glória, da inauguração da placa de bronze que deveria assinalar a casa onde Eça veio ao mundo: Vila do Conde, no Porto; Póvoa de Varzim, também no Porto, e Ovar, no Aveiro.

Os vilacondenses baseavam sua pretensão no assentamento de batismo do autor de "A Relíquia", alegando que, segundo a lei eclesiástica, ninguém poderia ser batizado fora do lugar de seu nascimento. Logo, Eça era natural de Vila do Conde.

Mas os poveiros foram mais longe: além de esmiuçarem a correspondência de Eça de Queiroz, na qual, repetidas vezes, ele se referia à sua naturalidade, consultaram Ramalho Ortigão, grande amigo do escritor, os arrolados da Universidade de Coimbra onde ele estudou, etc.

Os ovarenses tomavam por base a certidão de óbito e também varias passagens da correspondência do ilustre homem de letras.

Em 1906, chegou a aparecer, na cidade do Porto, um folheto sob o título: — "Eça de Queiroz. — Questão de Naturalidade", no qual se procurava provar que ele havia nascido mesmo em Póvoa de Varzim.

Entretanto, a dúvida não foi com isso dissipada. Ramalho Ortigão, ouvido pela comissão promotora da homenagem, afirmou que Eça era poveiro; sempre ouvira dizer tal e nunca fora contestada pelo escritor essa asserção. Luiz de Magalhães, que fez a revisão dos livros postumos do romancista de "O Primo Basílio", asseverou também ter ouvido de pessoas da família Queiroz, de amigos do escritor e deste próprio, que seu nascimento ocorrera em Póvoa de Varzim.

Os pais de Eça não são mais precisos: "Apenas posso informá-lo — diz em carta a um membro da comissão o progenitor de Eça de Queiroz — de que meu filho nasceu numa casa onde em 1845 morava o

meu falecido pai Francisco Augusto Pereira Soromenho"; a mãe dele, todavia, assegura que seu berço natal foi mesmo Pó-



Eça de Queiroz

voa e ela devia estar certa disso...

Como poveiro, ele figura na relação dos alunos matriculados na Universidade de Coimbra e numa carta escrita quando em Bristol, endereçada a Pinheiro Chagas, há esta passagem expressiva de Eça: — "Você é um poeta, um orador — e eu apenas um pobre homem da Póvoa de Varzim". Já em carta a Oliveira Martins, cai em contradição: "Filho d'Aveiro, educado na Costa Nova..."

Todavia, a confusão se completa com a documentação do casamento de Eça, cujos proclamas rezavam assim: — "Com o favor de Deus queremos contrair o sacramento do matrimônio José Maria d'Eça de Queiroz, solteiro, natural da freguesia de S. João Batista de Vila do Conde, etc..." "Esses proclamas — informa um de seus biógrafos — foram lidos em varias freguesias e receberam todos eles a rubrica de Eça. A certidão de casamento repete a referencia: — "... ele, de idade de quarenta anos, solteiro, natural e batizado na freguesia e conselho de Vila do Conde, diocese de Braga".

Parece que é fácil explicar esta aparente contradição oferecida pelos dizeres dos papéis de casamento. Sem dúvida nenhuma, para a habilitação matrimonial, as autoridades da Igreja se baseariam na documentação da própria Igreja, que era a certidão de batismo. Esta é que estava errada, dando Eça como nascido em Vila do Conde. E também é possível que os pais do escritor dada a impossibilidade (como estabeleciam as leis) de batizar a criança fora da paróquia, terem declarado ao pároco de Vila do Conde, para evitar maiores perseguições, que o filho nascera ali e não em Póvoa.

No ocasião do casamento, por comodismo, Eça também não fizera questão de retificar essa parte. Há muita gente ainda hoje que assim faz, a fim de obter mais facil andamento dos papéis, dando-se como residente no distrito de paz ou na paróquia que mais convem aos interesses do noivo ou da noiva...

O que se nos afigura exato, em suma, é que Eça de Queiroz tinha nascido mesmo em Póvoa de Varzim e nisso parece concordar a maioria de seus biógrafos. Mas sempre aparece um ou outro que reaviva a questão, desejoso de exibir seus dotes de escafandrista de arquivos.

E' muito provável que a menção de "nascido no Aveiro", feita em Paris, no registro de óbito, tenha a mesma explicação que a dos papéis de casamento. A pessoa que fez as declarações podia estar enganada a respeito ou, na ignorância, disse o que bem lhe aprouve, para não retardar a formalidade da lei. Entretanto, se a alguém interessar, está livre o campo para o debate do assunto.

Como pôde Margarida de Navarra escrever duas obras tão antigônicas: "O Espelho da Alma Pecadora" e o "Heptameron"?

Almogavam, um dia deste em Nera, dois eruditos, um Bearnês e um Parisiense, ligados por amizade desde os tempos em que haviam deixado os bancos escolares. O parisiense havia levado sua filha, jovem estudante, que dizia:

— Eu queria saber: como é que os srs. dois me explicam o fato de uma mesma pessoa, a rainha Margarida de Navarra, ter podido conceber e realizar trabalhos tão antagonicos, tão diferentes, como "O Espelho da Alma Pecadora" e o "Heptameron"?

— Velha historia! — disse o bearnês.

— Mas autentica, e eu ouvi que os senhores disseram, um e outro, que o seculo XVI seria sempre atual. Insisto, pois: porque essa eterna viajante vem um dia, aqui, deixar a sua lixeira para com alguns poetas e duas ou três damas, tal como a mãe de Brantome, compor contos mais ou menos licenciosos?

— Antes de mais nada — falou o bearnês, — Mas autentica, e eu ouvi que os senhores disseram, um e outro, que o seculo XVI seria sempre atual. Insisto, pois: porque essa eterna viajante vem um dia, aqui, deixar a sua lixeira para com alguns poetas e duas ou três damas, tal como a mãe de Brantome, compor contos mais ou menos licenciosos?

— Sensível à intenção, sim, meu pai; mas o tom nada tem de poético.

— E está bem, então? — protestou o bearnês:

"Cristo fez estranhecer o Inferno. Arrastou Lucifer.

Cristo fez estremecer o Inferno. Ele arrastou Lucifer.

Desde do piso até ao telhado."

— Vamos, não se exalte; sei que a rainha de Navarra é apreciada por ambos. Também eu admiro sua coragem; a viagem de Madrid...

— Sim! essa viagem — disse o bearnês. Ela parte de Lyon, engalifa-se em Aignes-Mortes, gozando perecendo na travessia; pisa chão de Espanha; monta a cavalo e, por caminhos que já não existem, faz dez a doze leguas por dia até que chega à porta da torre onde o rei, seu irmão, está prisioneiro. Vai encontrar o agonizante e, durante quatro meses, discute, disputa com o imperador a fim de obter a libertação do recluso ou a melhoria da sorte que lhe destinaram.

— E' preciso ver as coisas com outros olhos: o começo do seculo, aliás admirável, é uma confusão, hoje difícil de imaginar, de espirito juvenil e de vulgar grosseria; era impossível que de tal confusão alguma coisa não viesse a transparecer na obra escrita de Margarida de Angouleme.

— Quer se trate de seus contos ou de suas poesias — voltou a dizer o bearnês — há no todo um reflexo... nível do que foi a existência da moça, da dama e, em plena metade do seculo, da avó. Vejo-a criança, nos jardins, sob a galeria, na biblioteca — onde seus tíos-avós, Carlos e Luis de Orleans tinham deixado traços —; vejo-a moçinha, entre os seus preceptores, todos possuídos do espirito da Renascença italiana, que abrem para a sua aluna o manuscrito, ornado de belas iluminuras, do "Decameron"; que comentam entre eles, e também um pouco para ela, o dialogo de Platão onde este diz que a alma não pode atingir o verdadeiro conhecimento das coisas senão depois de desembaraçar-se do corpo. Como a mulher tão moça, casada com o duque d'Alençon, "virva de coração nesse triste casamento", segundo diria mais tarde Michelet, poderia escapar à influencia do misticismo de um Des Périers parafraseava para ela o "Magnificat", e se na Corte cantavam suas primeiras "Canções Espirituais"?

— Sim! Mas os contos do "Heptameron"? — indagou a jovem.

— Que é que têm? — fez o bearnês. — E' capaz de imaginar a corte de Francisco I depois de Marignan? Torneios, festas incessantes, em Amboise, em Blois, em Saint-Germain. O rei cobria de joias sua amante e pede a sua irmã que sugira as frases que ele faz gravar nos colares, nos anéis, nos cintos. Trinta anos mais tarde, a rainha de Navarra, tendo aqui o seu retiro e recordando o pas-

lou-o bearnês, após haver degustado um gole de Juragon — recusou a admitir que na obra superabundante da nossa rainha existisse essa opposição entre o que é de inspiração piedosa e o que é de inspiração galante. De sua vida, que foi virtuosa, embora tenham dito coisas fruto de ig-

Por FRANÇOIS CRUCY

norancia, não faço reserva nenhuma; admiro-a em tudo e aprecio bastante a mulher para criticar a autora.

— Não seria — retroçou a moça, em tom de mofo — Margarida de Navarra uma dessas mulheres que, de pena em punho, não sabem como parar?

— Não respondamos às provocações de minha filha — disse o parisiense — que, sei bem, é sensível ao tom de certas poesias:

"Quem segue a carne agrada a Deus não sabe; Quem segue o espirito, não pôde a Ele desagradar; Quem segue o espirito, boas obras fazer sabe; Quem segue o espirito, sabe a lei toda completa."

sado, conta em uma de suas novelas, a vigesima-quinta, se não me engano, que, um dia, o jovem rei, aproveitando uma oportunidade, atravessa um mosteiro para ir ao encontro da mulher de um advogado; e a rainha quinquagenária acrescenta: "Embora ele levasse essa vida, não deixava de ser um príncipe temente a Deus; e não esquecia nunca, no regresso, de ficar algum tempo em oração na igreja."

— E' inenunciável! — exclamou a moça.

— Nesse tempo, Botticelli num dia pintava Venus e no outro dia a Anunciação. Quando a rainha de Navarra escrevia os seus contos, aqui, o Arcetino publicava alternativamente, na Italia, seus "Sonetos luxuriosos" e seus livros de devoção.

— Veja, minha menina — disse por sua vez o bearnês — da vida e da obra de Margarida de Angouleme ficaram, para sempre, a sinceridade, a vivacidade, a frescura de um sentimento que passou por toda a especie de provações. Lembre-se de que é a mesma jovem dama que preside, em 1520, às

festas do Camp du Drap d'Or e vem a saber, na vigília do Natal de 1534, que o seu livreiro, Antoine Angereau, acabava de ser enforcado e queimado em praça publica por haver impresso duas edições do "Espelho da Alma Pecadora" e por haver, de contra-peso, acrescentado a segunda edição a tradução de um "Psalmo" por Marot. A Faculdade de Teologia podia, à sua vontade, interditar ou queimar o terno "Dialogo" imaginario que Margarida escreveu logo após a morte de sua sobrinha, a pequena Carlota de França, desaparecida na idade de oito anos:

"Respondel-me, ó doce alma [viventel] Que pela morte que as turbas [espantael] De um pequenino corpo fostes [libertadael]"

"Nossa rainha de Navarra nos é muito cara porque ela foi sempre toda sentimento. Quando ela vem procurar aqui o seu refugio, não passa um dia sem que lhe cheguem às mãos pedidos dirigidos a "protetora dos perseguidos". E' uma princesa da Renascença; é uma protetora das letras e das artes; é a tutora dos inovadores. E quando ela aqui reside, abandonada de vez a liteira de viagem; quando ela passeia pelos seus belos jardins, quando ela se recolhe à sua biblioteca, com suas damas e seus familiares, Madame Bourdilles, Marot, Des Périers e outros, é uma recreação, que não faz moesa a ninguém, por em forma de contos as recordações.

— Mesmo assim! — disse a jovem — o conto em que ela lembra como o belo Bonivet tentou dar um golpe na sua virtude, a essa virtude luterana...

— Ainda aqui uma interpretação falsa, minha filha — disse o parisiense — não se deve falar do luteranismo da nossa rainha; é evangelismo que se deve dizer. Lefevre d'Étaples a instruiu antes de lá ter ouvido falar de Lutero e quando um dia ela traduziu "Pater", de um original de Lutero, disse Moore, com muita razão, que "o que naquillo interessa à princesa é, antes de tudo, o abandono intimo do coração". Creia, ai está a verdadeira resposta à pergunta que nos fez.

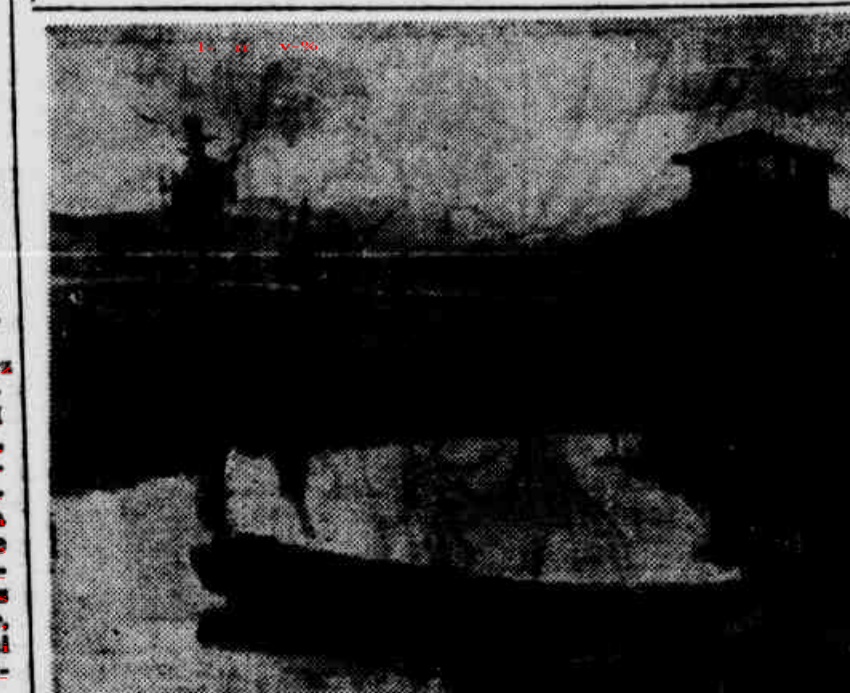
SONETO DO ABANDONO SELENEH DE MEDEIROS

Não, não te vás assim... Uma palavra apenas que diga que algo terno ainda existe entre nós... Não me deixes pensar que odeias, que envenenas essa alma que te dei... e o teu rancor é atroz...

O quarto onde passei contigo horas tão plenas, está tão triste agora, ermo, soturno, a sós... Mas ainda diz amor, ainda repete conas de ti, de nossa vida, o som da tua voz...

Não vás, que a solidão é imensa, é irresistível onde se amou demais... e em terno borborinho há lembranças flutuando, andando de mansinho...

Vês o "abat-jour" sem luz? Sentes o frio espesso? Não me digas adeus, que sinto um medo horrível, não me digas adeus, que morro, que enlouqueço!...



"Olaria do Tietê" — Paisagem de GINO BRUNO.



O amor é a mais forte das paixões porque ataca simultaneamente a cabeça, o coração e os sentidos. — VOLTAIRE.

As palavras, como os vidros, obscurecem tudo que não esclarecem. — JOUBERT.

Deixemos que cada mulher tenha um presente, para que o futuro não a surpreenda desprovida de um passado. — PRISCILLA CRAVEN.

Quem vive em paz, vive mais tempo. — BALTAZAR GRACIAN.

E' muito mais doce imaginar que estamos perdoados, do que pensar que não pecamos. — THOMAS HARDY.

Ninguém chegou a sabio por acaso. — SENECA



O CONTO ESTRANGEIRO

# QUAL DOS DOIS?

De PIERRE VILLETARD

(Premio de Romance, da Academia Francesa)

— Minha querida, — disse o sr. Sollar — cumpre tomar uma decisão o mais cedo possível. A colocação que oferecem a Jacques é inesperada. Ele é um homem, com a breca! Esteve na guerra. A vida que leva junto de nós é indigna dele. Oh! bem sei, caramba, que Mirail fez uma fortunazinha com o seu banco. Mas as condições já não são as mesmas. Caminhámos para os "trusts". Um homem como Jacques só pode vencer expatriando-se.

A senhora Sollar não respondeu. As razões do marido não opunha a mínima objeção, mas suspiros discretos, estas meias frases: "Sim, compreendo... Vou pensar", que são a força dos entes fracos.

— E depois — continuou bruta-mente o sr. Sollar — Jacques não possui um vintem. É uma situação cruel, porém, inevitável. Borel é um amigo certo, repito. Se ele pediu Jacques, é porque aprecia, como nós, a sua inteligência. Uma maravilha esse Brasil! Ali está tudo por fazer. O café, o algodão, o açúcar, é só escolher. Ah! que valente! Tivesse eu a sua idade... Além do que, minha querida, não sei por que motivo não iríamos, dentro de dois ou tres anos, fazer uma visitinha a ambos.

A senhora Sollar encolheu os ombros. Desta vez o marido ficou exasperado.

— Falemos claro, — disse com voz cortante — não estamos mais em hora de mastigar as palavras. Bem sabes que no Banco Mirail não há lugar para dois. O nosso amigo está velho e não tem filhos. Ele não me ocultou a intenção de traspasar o negocio. Há dez anos, minha cara — ouve bem, dez anos — formei o projeto de o comprar para o Jorge. E' absolutamente o que lhe convem... Nele salta aos olhos a bossa das finanças.

— Cala-te, por Deus! — interrompeu a senhora Sollar.

O homem tentou segurar uma mãozinha que se recusou:

— Perdoo-me, Helena. Eu sou logico. Vejo as coisas. Devemos fazer todos os sacrificios pelos nossos filhos. Dentro de oito ou dez anos verás o teu Jacques. Abarrotado de ouro, minha cara. Ao lado dele não passaremos de uns importunos parasitas de aldeia. Aliás, não te exijo pressa. Reflète. Sé razoavel. Tu me darás a resposta esta semana, ou na semana que vem.

A vitória em que o casal Sollar regressava da missa seguia uma estrada aberta entre dois muros forrados de musgo.

A breve trecho surgiu a tela de um campo de tennis e os dois irmãos, preparados para jogar, saudaram de longe a carruagem com as raquetas. A senhora Sollar quis descer.

Penetrou no recinto, abraçou os filhos e, dirigindo-se para o pomar, apanhou uma tesoura na cabana do jardineiro e, como fazia todos os domingos, colheu algumas rosas para florir a mesa.

Em volta dela tudo era a paz de uma bela manhã. Nenhum ruído além dos gritos dos jogadores cujos vultos brancos passavam correndo, e o monótono estridido dos grilos no campo vizinho.

De vez em vez, paravam transeuntes no portão. Eram campones em blusa domingueira, meninas do patronato, algum casal de burgueses — empregados da estrada de ferro ou da fabrica de tecidos — que contemplavam a partida de tennis e a relva fresca, onde tufavam massiços de rododendros,

E toda essa gente pensava:

"O sr. e senhora Sollar são felizes".

Entretanto, Helena Sollar não era feliz. Tremiam-lhe as mãos. Sentia-se cansada. Abandonando a colheita de rosas, foi sentar-se em um banco rustico, na extremidade do vergel. Deste ponto via através das arvores os filhos jogarem. Jacques era moreno, vigoroso, talhado para a luta. Jorge, mais franzino, quase feminino, demonstrava em todos os movimentos uma aguidade de gato. Certamente, se um deles devia partir, afastar-se dela (para sempre, talvez), melhor seria que fosse o primogenito. Mas o coração protestou: "Não, nem um nem outro". E as lagrimas, saltaram-lhe dos olhos neste instante.

Foi então que, num relance, ela reviu todo o passado: o seu primeiro casamento, aos vinte anos, com Paulo Jorloz, joyem tabellião de Villeneuve, que ela adorava e que amava tanto. Evocou a casa nos campos, mais modesta indubitavelmente que a suntuosa propriedade do sr. Sollar, mas tão assada, tão clara, com os móveis novos que estavam à noite, e o jardim de presbiterio, azul de tantas flores azuis, cuja sombra era tão amena nas horas calidas do dia. Tres anos de ilusões, de amor ingenuo com esse grande rapaz, terno e descuidado, cuja recordação ainda a encantava. Depois nascera Jacques. Levavam-lhe o berçozinho para debaixo das acacias. E ele sorria, agitava as mãozinhas, conversava misteriosamente com as aves. Entretanto, as famílias de ambos estavam inquietas. Diziam que Paulo especulava, comprava terrenos de mais nos arredores da cidade. Pouco a pouco os clientes foram desertando do cartorio. Eles pouco se incomodaram com isto. Nesta época, ambos tinham tanta confiança no futuro!

Bruscamente estrondou o ralo. Ela revisita essas horas terríveis: a falencia subita, o suicidio de Paulo, a desonra que se liguou ao nome do filho. Foi então que interveio o sr. Sollar. Este moço, rico, amigo de infancia amara-a outrora sem usar dizê-lo. Pôs em ordem os negocios, pagou as dividas sem aversão, depois desapareceu, viajou, sem que ela tivesse podido manifestar-lhe o seu reconhecimento.

Passaram-se dois anos.

Ele regressou, pediu-lhe a mão e foi aceito. Ela experimentava por ele a mingua de amor, profunda estima. "É muito bom", pensava. E, de fato, o sr. Sollar era bom, mas sem calor, desta bondade pratica e rigida que caracteriza certos homens integros. Um ano mais tarde vinha Jorge ao mundo. Ainda desta vez acreditava ela na felicidade possível.

All estava, porém, Jacques. A' proporção que este crescia, occupava maior espaço no novo lar, de dia para dia aumentava a antipatia do padastro, la-se tornando ralhadora, intolerante. Para Sollar, Jacques não passava de filho de um falido; pior, ainda: era o filho do homem que outrora lhe roubara uma parte de ventura. Que lutas teve Helena de sustentar para o guardar junto a si, e à custa de intimos agravos, de que secretas ofensas, pagara a demasiado rude vitoria!

Ao findar a guerra, todavia, quando Jacques regressou, o sr. Sollar lhe dissera: "Abraça-me meu rapaz!"; e, durante tres meses, o padastro se mostrou indulgente, quase afetuoso para com o jovem soldado. Jac-

ques entrara para o banco onde Jorge trabalhava. Porém, enquanto o caçula, leviano, negligente, não tomava a sério o escritorio, Jacques, pontual, laborioso, desenvolvia imediatamente uma atividade que lhe valeu os cumprimentos do sr. Mirail. Então, ao padastro voltou-lhe o ciúme. Fôra ele, certamente que suggeria a proposta do sr. Borel. Mas Helena lembrava-se de que, outrora, havia salvado o filho do internato. A proposta guerra, tomando-o, não havia poupado. Portanto, ainda uma vez, ela acharia um meio de o conservar junto de si.

— Olha o sr. Mirail!

O portão do jardim estava entreaberto. O sr. Mirail entrou e, atravessando o pomar, adiantou-se, lentamente, para o banco de pedra. E' um homenzinho grisalho, com olhos de camandongo, numa carinha de casquinho. Gravemente, inclina-se e beija a mão à sua velha amiga.

— Seu marido não está por aqui?

— Não — diz Helena — acaba de entrar.

— E os filhos?

— Veja-os... Estão jogando tennis.

— Ah! perfeitamente! — diz o sr. Mirail, observando a "pista" com uma das mãos sobre os olhos, a guisa de quebra-luz.

E bruscamente:

— Peço-lhe perdão, minha querida senhora, do que lhe vou dizer. Este passo me é penoso, mas eu devia... não podia deixar de o tentar.

— O senhor está me assustando... De que se trata?

— Exatamente de seus filhos.

— De Jacques? De Jorge?

— De um, ou de outro.

— Peço-lhe que se explique depressa.

— Pois aqui tem — diz o sr. Mirail, sentando-se junto de Helena. — A coisa se passou anteontem pela manhã. O meu caixa, o sr. Aleixo, estava ausente. Seus filhos — a senhora sabe — trabalham na sala verde, um grande compartimento contíguo ao meu gabinete. All pelas dez horas, recebi a visita da senhora de Béthancourt. Um dia destes vendeu ela, por intermedio do tabellião Jouvain, a quinta das "Trembles". Trazia para o banco trinta mil francos em dinheiro e, como lhe repito, o sr. Aleixo não estava presente; ela me entregou o maço de notas, que coloquei na sala verde, em cima da mesa de acajú, que fica à entrada. Foi, aliás, uma negligencia minha... digamos o termo, uma asneira. Alguns instantes mais tarde, sai do meu gabinete. Tinha de fazer uma pesquisa muito laboriosa. Ao meio dia, como de costume, os meus dois empregados saíram juntos. Neste momento, entrei novamente no escritorio e apanhei o maço de notas. Só estavam all vinte e oito notas.

A senhora Sollar empalideceu.

— Houve com certeza erro de conta. A senhora de Béthancourt só lhe entregou vinte e oito mil francos.

— Prouvera a Deus que assim fosse, minha senhora, — suspirou o sr. Mirail — mas é impossível. Ela e eu, um após outro, contamos o dinheiro.

— O senhor devia ter pedido uma explicação aos meus filhos.

— Para que?

— Como "para que?" Queverá o senhor dizer que um dos dois seja o ladrão?

— Oh! minha querida amiga, que feia palavra! Mas os rapazes, às vezes, cometem levandades. Nessa idade, em tambem tive momentos de embagaço, tentações... E depois, quem sabe? — talvez um deles tenha querido fazer uma pilhéria — bofe, sim, boa pilhéria! — ao velho Mirail.

— Seja franco, Mirail... O senhor pensa lá de si para si: um desses moços é um ladrão! E conta comigo para fazer um inquerito e o informar depois.

— E' exato, minha querida amiga, — murmurou o banqueiro, — sim, contel com a senho-

— Mas, uma vez que só pode ter sido um ou outro.

— E' verdade — disse Jacques aterrado.

E refletiu. Que iria acontecer? Deixaria ele que a senhora Sollar interrogasse Jorge? E se o moço confessasse a falta, que pretexto daria ao sr. Sollar para deixar o banco? Se, ao contrario, negasse, haveria então entre eles dois uma luta medonha, luta em que Jacques sucumbiria evidentemente, porque o padastro não hesitaria em designar o filho de Jorloz. Imediatamente entrou o martirio materno, o lar destruido, um futuro de odio e de lagrimas. Ao passo que, se ele

partisse, tudo se arranjaria, depressa o esqueceriam.

Mãe — disse ele em voz grave — foi eu quem furtou o dinheiro.

Helena abanou a cabeça.

— Não creio.

— Sim... sim...

— Ora, vamos... Para que havias de fazer isso?

— Sim, mãe, compreende bem... Para o meu padastro, para o sr. Mirail, para ti principalmente, é necessario que tenha sido eu... Deixo-te o Jorge. Vê-lo por ele. Dize-lhe francamente. Tu has de fazer dele um homem honesto.

— Oh! grande alma!

E com os dois braços, por muito tempo, apaixonadamente, Helena Sollar abraçou o filho.

\*\*\*

Jacques partiu. Mas, na cidadezinha que o estio devora, reina sempre a mesma calma, o mesmo silencio. Desfolham-se os dias, as semanas e, todos os domingos, Helena vai colher rosas no jardim. Talvez tenha envelhecido um tanto. Voltavam-lhe as temporais das mechas cinzentas, porém ainda conserva o talhe de moço. De tempos a tempos, recebe uma carta. Jacques trabalha e se habitua à vida nova.

Helena diz consigo mesma:

— Devo falar a Jorge — mas não ouso e difere de dia para dia esta suprema provação. Se ele negasse, mentisse?... Entre ela e ele seria, de então em diante, o abismo. E ei-la que cede, prende-se, enleia-se pouco a pouco em covarde e medrosa resignação.

Ora, um dia, estando a sonhar, solitaria, no banco rustico, o sr. Mirail, com o chapéu de través, surge ao portão:

— Ah, minha amiga! Sou um animal... um selvagem...

E o bom homem, envergonhado, de um folego, conta-lhe que, na véspera, encontrara as duas notas de mil francos no repertorio de 1903, quando classificava uns papéis.

— Uma distração estúpida... que digo? quase um crime. Agora me recordo. Nesse dia, eu tinha diversos pagamentos para fazer. Apanhei dels bilhetes que, por descuido, meti entre as folhas. Estou declinando, minha cara amiga, estou declinando... Mas devo à sua familia uma compensação. No mês que vem, retire-me dos negocios e cedo o Banco ao seu filho Jorge.

O homenzinho não para, nemora. Helena deveria injuriar-lo, odiar-lo. Não pode. Diz-lhe simplesmente:

— Agradeço-lhe muito, sr. Mirail... Sou feliz... muito feliz...

E tremula, com os olhos semi-cerrados, acompanha por cima dos alamos, qualquer coisa imensa que só ela vê: — um grande transatlantico que segue, a todo vapor, em pleno azul, para o seu destino...

Depois do almoço, mal Jorge pôs em marcha o automovel, Helena Sollar aproximou-se de Jacques.

— Vem comigo, disse-lhe... Preciso falar-te.

E, tomando-lhe o braço, o levou para o banco de pedra. Sentaram-se lado a lado. Helena contou tudo: — a visita do sr. Mirail, o dinheiro desaparecido, a resolução de se separar do culpado, perdooando-o.

Jacques teve um brusco sobressalto:

— Então, mamãe, suspeitaste de mim?

— Não foste tu?

— Não, decerto!

A senhora Sollar soltou um grito abafado, quase venturosa, como se, neste momento, tivesse esquecido que tinha outro filho. Depois, doridamente:

— Então... foi Jorge.

— Não.

## DE RABINDRANATH TAGORE

Oh! mulher, tu não és somente uma obra de Deus, se não também dos homens, que te enriquecem de toda a beleza dos seus corações. E' para teu luxo a teia que os poetas fabricam dos fios de ouro das suas imagens; e os pintores o que fazem é criar para a tua forma uma nova imortalidade.

Para adornar-te, para vestir-te, para fazer-te mais preciosa, o mar dá as suas perolas, a terra dá o seu ouro, os jardins dão suas flores.

Sobre a tua mocidade o desejo dos corações dos homens derramou a sua gloria.

E tu és metade mulher, metade sonho.



# na e a cidade de Queluz

## Vultos e coisas de um passado distante — Presença de Euclides

Areias, os vinhoqueiros enviam uma garrafa cheia de gasolina!  
Vêm englobadas as lembranças, pela boca dos velhos moradores.



Manuel Alexandre de Carvalho

Balles na casa do Guilherme Novais, quase todas as noites.  
O Guilherme Novais, esbravejando na ponte, contra o Carlos Rivera, que prendera seu melhor galo no curral do Conselho.  
E a historia do "bicho"?

Francisco Teixeira Auro, o Chico Mascate, estava acompanhando o coelho.

Fazia o jogo no Rio, por intermedio de seus correspondentes, Barbosa & Albuquerque.

O "bichinho" não havia meio de dar.

— Hoje vou parar. Não telefono. Chega! Esse diabo não dá mais. Já perdi quase tudo...

A tarde, saltitante, com cara de Sacl, o coelho veio no primeiro premio!

Chico Mascate adoeceu. E a historia ficou.

Era diversão esperar a chegada do trem, à noite, resfolegando, como saindo dos morros da Fortaleza, o farol como um banho de luz sobre todas as coisas.

Vamos Tonico Carvalho, Georgillo de Freitas, Tonico Antunes, Béloca, Zé França, Antonio Damas.

Vamos sentar batendo papo, a esperar o trem e olhar a sua luz tão ofuscante que está umidecendo meus olhos.

—  
Euclides da Cunha está por aí, perto de seu Manézinho.

12-3-1902. Segue para Areias.

Vai atender reclamação do eng. Guilherme Candido Xavier de Brito, que fazia a reforma da cadeia, sobre a qual, depois, informa:

"As tabuas dos forros, umbrais, soleiras, etc., contempladas no orçamento, são imprescindíveis, desde que se considere estarem inteiramente danificadas as que lá existem.

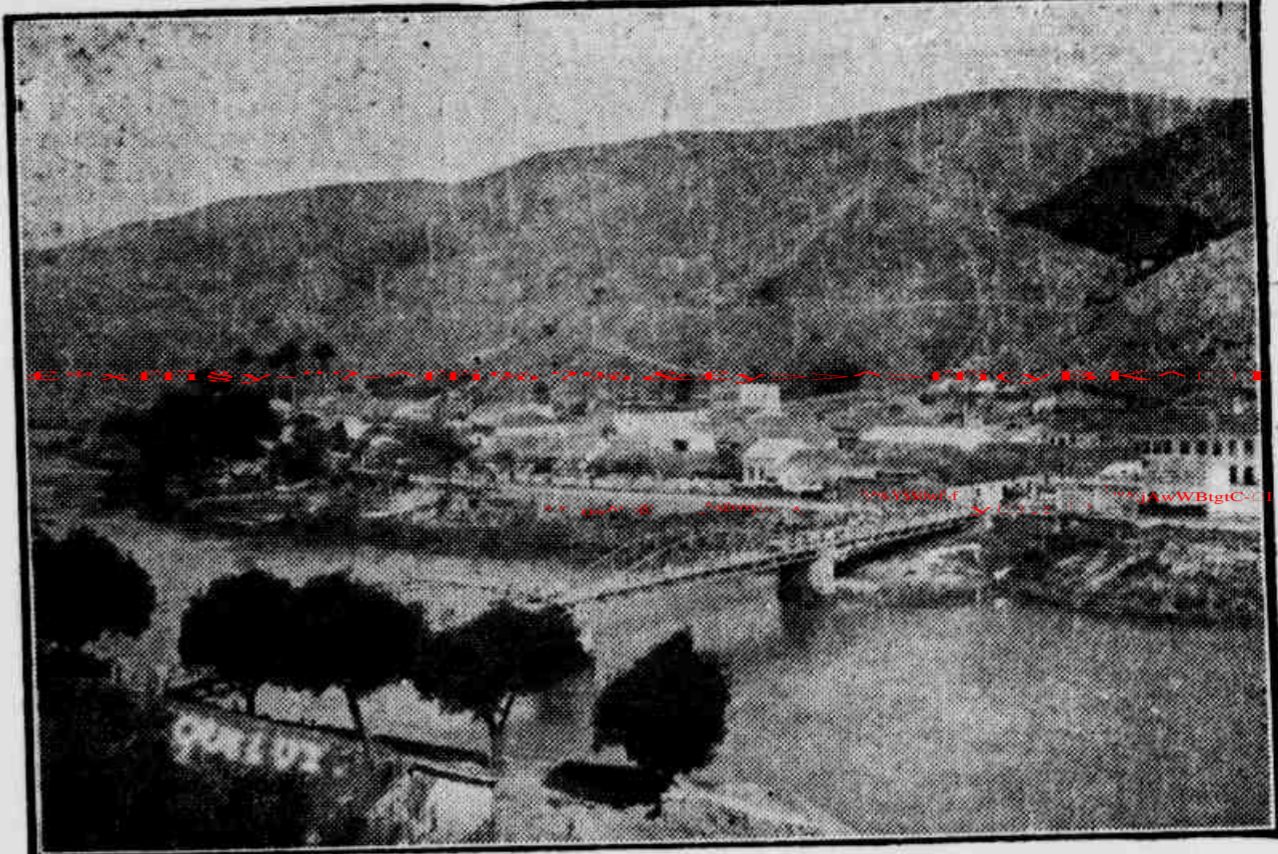
A modificação da escada é, por sua vez, indispensável, porque não obedece à proporcionalidade entre a altura e a largura dos degraus.

Tendo sido organizado o orçamento primitivo, os reparos nos forros, portas, etc., não se revelavam e por isso escaparam ao exame do eng. ajdte. Limpo de Abreu.

Nestes termos, submeto o orçamento à vossa aprovação.

Saude e Fraternidade. Lorena, 20 de abril de 1902.

(a.) Euclides da Cunha, engenheiro chefe do 2.º Distrito." (auto n. 2.714).



A ponte construída sobre o Paraíba e vistoriada por Euclides da Cunha

20-5-1903. Manuel Alexandre de Carvalho, presidente da C.A.M.A.R.A e Eduardo Leite da Silva — o tenente Eduardo — intendente, comunicam à Superintendência de Obras Publicas que o edificio da cadeia (não a atual, mas a que existia ao lado da igreja, onde hoje é uma garagem) se encontrava ameaçando ruir, por se ter desaprumado uma das paredes.

Volta Euclides a Queluz e, após vistoria, informa: "A Diretoria e 1.ª Secção —

Examinei a cadeia de Queluz e verifiquei que o prédio não "ameaça ruir", conforme diz o intendente municipal da mesma cidade.

Necessita, sim, de consertos e a estes atendo no orçamento que juntamente vos envio.

O temor daquele intendente reside na circunstancia de estar ligeiramente desaprubada a parede lateral esquerda. Mas baseado no que me infor-

6-8-1903. José Gaitano assinava contrato para realizá-las (auto n. 3.612).

—  
Destino estranho, contraste aspero.

A alma livre, o pensador da raça, coração telurico, debruçado sobre as grandes tragedias do povo e da patria, para ganhar o pão, viver como um automato e construir e consolidar carceres!

Tinha naturalmente, de ser este homem, nervoso e inquieto, como meio de defesa contra um ambiente hostil...

—  
Manuel Alexandre de Carvalho ainda é vivo e lá está com seus 85 anos, no alto da igreja, numa casa antiga, a esquentar sol nas manhãs frias.

Ouvindo-o, a gente se embrenha pelo passado, sente a proximidade de Euclides da Cunha, sabe que o grande homem pisou aquele chão, subiu no cavalo tordilho "Boneco", aquelas ladeiras, e sabe que ele era alegre e comunica-

requieto e bom, à porta do armazem atulhado de café.

O dr. Cirino, seu Chico Sene, seu Horacio Sane, o Quincas Russo, o Zézinho...

As ferias, tudo isto misturado com as correrias a cavalo, o "ping-pong" no clube, os bailes, lembranças que se impõem vivas, ao escrevermos algo sobre a historia de Queluz.

A ponte nova, orgulho da gente, a mais bela da região, cruzando o rio lendario, com a versão carinhosa de que fora um pedido do dr. Isaac Garcez ao interventor João Alberto.

"Se algum direito me cabe a uma reparação e o governo está na disposição de a dar, o que desejo é que, com brevidade, seja construída uma ponte nova, sobre o rio Paraíba, em minha terra natal."

E quando me despeço de Manuel Alexandre de Carvalho, tio Manézinho, e atravesso a frente da igreja ensolarada, parece que sinto Euclides da Cunha apeando do "Boneco", à porta do velho casarão, que conheci, ao lado do grupo escolar.

— Dr Euclides, vamos entrar. A casa é vossa...

### Soho, o bairro estrangeiro de Londres

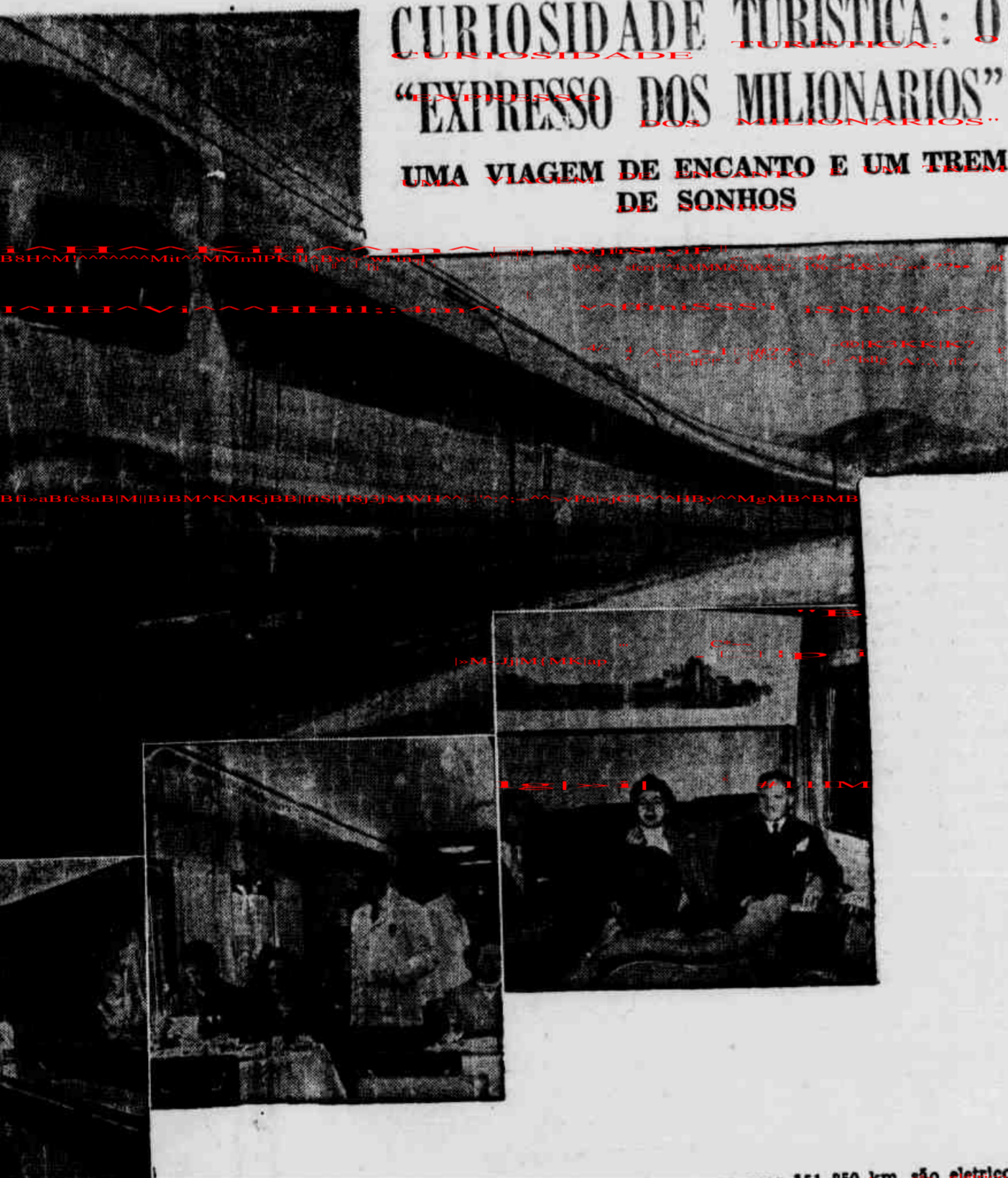
Vernon Scannell, poeta e professor, fazendo um programa a respeito do "Quartier Latin" londrino na B.B.C., descreveu as estranhas vielas de Soho, onde restaurantes estrangeiros e lojas pululam e onde há mais estrangeiros por metro quadrado do que em qualquer outro lugar de Londres.

Soho, para muita gente, é o bairro encantado — quer para os britânicos como para os que vêm visitar a cidade vindos do estrangeiro — e cenas daí se immortalizam em livros, quadros; seus prédios atraem artistas que ali procuram residência.

Durante sua juventude, Scannell tinha um respeito exagerado pelos artistas e reverenciava grandemente um conhecido seu qualquer que fosse conhecido como escritor. Parecia-lhe ser tão "bem" ser artista, escritor e viver em Soho! Mas foi só depois de passado algum tempo que o rapaz descobriu que o seu amigo ganhava a vida escrevendo... endereços em envelopes. Outro conhecido passava por artista, mas se limitava a pintar... olhos nas cabeças de bonecas. Só o fez por algumas semanas, até que a firma que o empregava falhou; mas o patrão era tão bondoso que pagou ao empregado com uma mala cheia de bonecas. "Logo depois eu o encontrei com um carregamento de bonecas inteiras numa sacola de mão, tentando vendê-las nos bares publicos" — explicou Scannell.

Soho atrai de forma irresistível a moços e velhos e enquanto pudermos encontrar escritores e artistas perambulando por suas ruas, Soho estará mantendo sua reputação de abrigo talentos genuínos.

## CURIOSIDADE TURISTICA: O "EXPRESSO DOS MILIONARIOS" UMA VIAGEM DE ENCANTO E UM TREM DE SONHOS



*Ad. Commissão das Festas do 50.º An. Dr. Gama Rodrigues, Comprim. a Am. C.*

*- José Carlos de Oliveira Garcez, faz-se representar por seu filho José, por falta d'inte. Chacara S. Dix. 2.º de Abril de 1902*

Queluz, Estado de São Paulo

Cartão do dr. José Garcez à comissão promotora da homenagem ao medico dr. Gama Rodrigues, que combateu a variola em Queluz

mam, acredito que não há progresso naquele movimento.

Entretanto, como nada podemos prever sobre a estabilidade desses velhos edificios, feitos sem regra, incluí uma verba de 25% de eventuais (que não deve ser eliminada do orçamento) para atender principalmente à ancoragem que se torne necessaria, o que, com segurança, só se verificará por ocasião do desmancho do telhado.

Atendendo aos outros reparos orçados e a estas ultimas considerações, penso que estas obras devem ser quanto antes autorizadas, sendo a verba necessaria, como indica o orçamento, relativamente insignificante.

Saude e Fraternidade. Lorena, 13 de maio de 1903.

(a.) Euclides da Cunha, engenheiro chefe do 2.º Distrito." (auto n. 2.540).

De fato, não houve demora na autorização e a

tivo, quando se sentia à vontade.

50 anos passados, e Manuel Alexandre de Carvalho ainda fala de Euclides da Cunha com emoção...

E a gente fica a vê-lo por aquelas ruas, que também não são caras.

Relembrar a velha balsa de após revolução, cruzando o mesmo rio silencioso e belo.

Imaginar o dr. João Garcez, serio como todos os Garcez daquelas bandas, dinamitando a ponte, para que se visse forçado o governo a construir uma nova. Versão do povo, que ficou gravada na pequenina historia do lugar.

Fico vendo D. Queridinha, a alma mais pura e o coração mais terno que já vi, sorrindo aquele riso bom aos que passavam, da janela de sua casa pobre mas alegre, rente à maquina de costura, que pedalava sem cessar.

Chico Tomaz, gordo, ir-

Podemos citar as cifras e os dados estatísticos pois são coisas em evidencia.

Comecemos pela reconstrução. Foram refeitos 6.539 quilômetros de trilhos, 544 pontes de ferro, 286 galerias, 9.400 km. de linhas telegraficas e 3.365 km. de linhas de alta tensão.

No Potencial Rotativo, os trens em circulação são em numero de 5.673, dos quais 5.225 para o trafego interno, 84 para o trafego internacional, 235 para cidades de mar, 52 para cidades nas montanhas e 57 para o turismo em geral.

É interessante saber que dos 394.870 quilômetros de linhas fer-

reas 151.350 km. são electricos... 112.220 km. a vapor e 93.270 km. a oleo Diesel.

De todos os trens que circulam nas Redes Ferroviarias do Estado, 408 chegam e saem de Roma; 446 de Napoles (inclusive o Metropolitan), 540 de Milão, 308 de Bolonha, 288 de Turim e 196 de Genova.

Verificou-se então um acrescimo de 214% de viajantes, indicando esse que resultou com o aumento da população.

O sistema de transporte ferroviario italiano, corresponde plenamente. De um lado, com a exigencia do trafego e, de outro, com a sua propria intensificação.

o assoalho e verde, o adeiras são inclusive o foz d'ou-nhas, atum, orinhas, ar-pagete com eljo, choco-o desse do e encarrega e agasalhos de luxo so-corre 1.000 minutos. A esterlinos. dia um fa-

to incontestavel: os viajantes das Estradas de Ferro do Estado, são em dobro daqueles que viajavam antes da guerra. Isto não são apenas palavras. É uma realidade, e todos podem comprova-las. E é ainda uma realidade que foi comprovada recentemente, pois no fim da guerra em 1945, cerca de metade do patrimonio das Ferrovias do Estado fora destruída. E pode-se dizer, que não só foi reconstruída o que a guerra destruiu, mas ainda foi feito mais: foram ampliados e remodelados os serviços, foram melhoradas as linhas e voltou aquele prestigio que sempre distinguia as ferrovias italianas.

## CONSELHOS DE BELEZA

As aplicações da clorofila em estética

DR. PIRES

Relataremos na cronica de hoje algumas das aplicações da clorofila em estética, sobretudo em relação aos problemas da cicatrização das feridas e dos odores corporais.

Ninguém ignora que todo corte da pele mais ou menos profundo deixa sempre uma marca. Inúmeras têm sido as substancias experimentadas a fim de ajudar a cicatrização, pois dela muito dependerá o aspecto final que resultará no fechamento de determinada ferida. Recentes estudos comparativos entre a sulfanilamida, penicilina e clorofila, mostraram que nos ferimentos em que se empregava curativo à base de clorofila, o efeito cicatrizante era muito mais rápido após os testes comparativos que foram feitos na pele de um mesmo individuo.

Tambem nos animais foram realizadas as mesmas experiências e os resultados obtidos confirmaram o que já se tinha observado com os seres humanos.

A clorofila, como todos sabem, é extraída das células vegetais e não é mais do que o pigmento verde natural que dá essa cor tão característica às folhas e outras partes das plantas.

Ao lado do poder cicatrizante que acabamos de relatar, tambem a clorofila está sendo usada largamente como um dos mais eficazes eliminadores dos odores corporais. Já existem muitos preparados dentrificios que a estão utilizando na sua formula e visando combater o mau hálito. Outros produtos são fabricados para uso interno, sob a forma de pilulas, drageas ou comprimidos, e todos eles com o proposito de eliminar emanações desagradáveis dos pés e do corpo, providas quer da transpiração excessiva como de exercícios violentos, longas caminhadas, etc. Tambem certos odores que algumas senhoras apresentam em determinadas épocas do mes são suavizados ou mesmo eliminados com os preparados à base de clorofila.

Segundo experiencias realizadas em hospitais chegou-se a conclusão de que em mais de oitenta por cento dos casos os resultados são satisfatorios. As experiencias sobre a clorofila não se reduziram, aliás, somente às questões sobre a cicatrização de feridas e como base de preparados para combater os odores corporais, pois tambem vem sendo usada como veiculo de produtos industriais para eliminação dos odores domesticos tais como os encontrados nas cozinhas, banheiros, etc.

Aguardemos os acontecimentos pois teremos muito em breve, com toda certeza, muitas novidades sobre a clorofila, o maravilhoso pigmento verde da natureza, para empregarmos as proprias palavras daqueles que a estudaram.

— As nossas leitoras poderão solicitar qualquer conselho sobre o tratamento da pele e cabelos ao medico especialista dr. Pires, a rua Mexico, 31, Rio de Janeiro, bastando enviar o recorte do presente artigo e o endereço completo para a resposta.



MODAS DE HOJE — Vestido de gala, modelo italiano, de Antonelli, bem rodado. É em verde claro com rosas vermelhas enfeitando verticalmente a sala.

## VOCE

ILZA MONTENEGRO

Você é a harmonia mais colorida de sons  
Meu amor,

Que docemente vibra em minha vida...

Você é este leve e imenso encantamento

Doce como um perfume antigo,

Que mansamente veio, aos poucos se espalhou

E, espiritualizado na minha alma,

Para sempre, ficou.

## É BOM SABER

Algumas pitadas de sal sobre um forro de papel bastam para limpar, sem arranhar, a superficie do ferro de engomar. Esfregasse por alguns minutos o ferro sobre o sal, depois daquele estar aquecido.

A fim de obter maior duração das vassouras e escovas de uso domestico, prepare um balde de agua salgada e mergulhe aqueles utensilios nessa solução, deixando-os assim durante uma noite toda. Depois, deixe secar, penduradas em lugar arejado. Ficarão limpas e endurecidas, resistindo mais ao uso.

Para conservar o brilho das panelas e mais utensilios de aluminio deve-se mergulha-los em agua e sabão e, depois, esfregalos, bem, na parte externa, com um pedaço de camurça embebido em querosene.

Para tirar manchas de mofo, humedeça-se a roupa ou tecido mofados com o liquido obtido da seguinte forma: duzentas e cincoenta grs. de amoníaco dois punhados de sal e dois litros de agua destilada (em sua substituição a agua de chuva serve), postos numa vasilha de barro e fervidos durante meia hora. Ensa-bõe-se, então, o pano e enxagua-se, depois, em agua limpa.

Quando se quiser clarificar a gordura de galinha, porco, azeite ou resultante de frituras, adicione-se a cada xícara da mesma quatro ou cinco finas tiras de casca de batata e aqueça-se a gordura assim durante vinte minutos. Em seguida, coe-se e deixe-se esfriar.

## ALBUM DE "LABORES DE VOSTRAS"

Está publicado o numero de 1953 do popular "Album de LABORES DE VOSTRAS", editada em Buenos Aires e aqui distribuida pela Agencia Soave, à sua Sete de Abril, 341.

Como nos anos anteriores, o "Album" apresenta texto variadissimo e interessante, reunindo materia de agrado das donas de casa e das mulheres afeiçoadas aos trabalhos de crochê, tricô, bordados, "point-a-jour" ponto de cruz, "fillet" e outras modalidades desse genero, tudo fartamente ilustrado em rotogravura e a cores, numa bela confecção grafica.

São inumeros os modelos de costura e de trabalhos sugeridos pela prestigiosa publicação feminina, notando-se tambem finos labores de arte aplicada, tapeçarias, flores, etc. Alem das gravuras que ornão o texto, numerosos moldes acompanham o "Album de Labores", tornando-o precioso e indispensavel às leitoras de bom gosto.

Boa educação e tocar piano são coisas que, ou se aprendem cedo, ou não se aprendem nunca. — LEGOUVE.

## MARCEL, O INVENTOR DA ONDULAÇÃO

Marcel, o famoso inventor da ondulação que tem seu nome, começou a ganhar a vida com officio de canteiro. Mas, como esse trabalho lhe resultasse muito rude, entrou como aprendiz em um dos melhores salões de barbeiro de Paris, onde rapidamente adquiriu as noções obrigadas da profissão, impellido pela necessidade de manter seu lar. Constava sua familia de avó, mãe, esposa e três filhos.

Algum tempo depois, Marcel instalou um pequeno salão, e, um dia admirando a ondulação natural do cabelo de sua mãe, teve a idéia de que, por um processo seu, podia dar uma ondulação permanente aos cabelos da mulher.

A primeira ondulação que fez durou cinco semanas. Em breve, ficava em moda essa ondulação, e Marcel se retirou milionario à vida de repouso, dez anos depois de sua descoberta, feita no ano de 1872.



INVERNO ROMANO — "Manteau" de linhas amplas, sem cinto, em tecido de lã azul claro e forrado de preto, oferecendo elegante contraste na gola. As mangas são largas, diminuindo no punho. Criação FABIANI.

## A INFLUENCIA POLITICA DA MULHER

Em geral, quando a mulher de um chefe de governo pretende assistir o marido na sua difícil tarefa de governar, arrisca-se ela a sofrer o impacto da critica dos despeitados e dos que, não encontrando motivo bastante para censurar o primeiro magistrado ou soberano do país, buscam na colaboração feminina a possível causa dos descontentamentos de que se fazem interpretes.

Havia um pequeno país sobre o Danubio, onde a rainha governava sobre o espirito do rei. A desgraçada expiou bem cara essa intervenção. Parece que o povo necessita de encontrar nos seus soberanos alguma coisa de grande e sobrenatural. Compraz-se com a pompa em que se envolve a magestade real, e mal suporta ver um rei submetido ao dominio de uma mulher. Se ela é de sangue real, a impopularidade será lenta, mas se a rainha ou a favorita são adventicias, o povo sentirá depressa a indignação.

Aqui está o verdadeiro segredo da impopularidade das rainhas.

E isto succede em países democraticos. Em França, a Du Barry está mais baixa no espirito popular do que a Pompadour, embora tivesse causado menos dano. Não lhe perdoam a origem humilde.

Constantinopla levantou-se contra Teodora, porque domina-

va Justiniano, e porque era filha de um domador de ursos. O ultimo guardador de porcos na Servia não deixou de censurar à rainha Draga o ela não ser de sangue real. Deste sentimento das massas costumam aproveitar-se os revolucionarios. Há, porem, uma influencia feminina que todos respeitam: a influencia da mãe sobre o filho, quando esta deu provas de amor e de patriotismo, quando teve talento para o educar no culto da honra e quando a sua influencia não passa do conselho.

A Maria Antonieta, tantas vezes citada, acusou-a Herbois de ter pretendido contaminar a inocencia de seu proprio filho. A rainha deixou escapar um rugido de indignação, exclamando: "Apelo para o coração de todas as mães!", e aquelas mulheres, cegas pelos excessos e pela febre da revolução, ajoelharam-se ante a caluniada, que tinha de redimir com o seu sangue inocente as faltas do "franco-francês." É essa a maior influencia feminina e a unica universalmente reconhecida. As outras passam com o tempo ou com as circunstancias, e desgraçada da mulher que se fiar nelas.

A unica coisa que foi ensinada com sucesso às mulheres é usar graciosamente a parca que receberam da primeira mãe. — DIDEROT.

## TRANCAS

ALBERTINA DE CASTRO BORGES

Quando ao cair da tarde um dia fores  
minha cruz procurar no Campo Santo,  
encontrarás a pobre lá num canto,  
e em torno dela, algumas roxas flores.

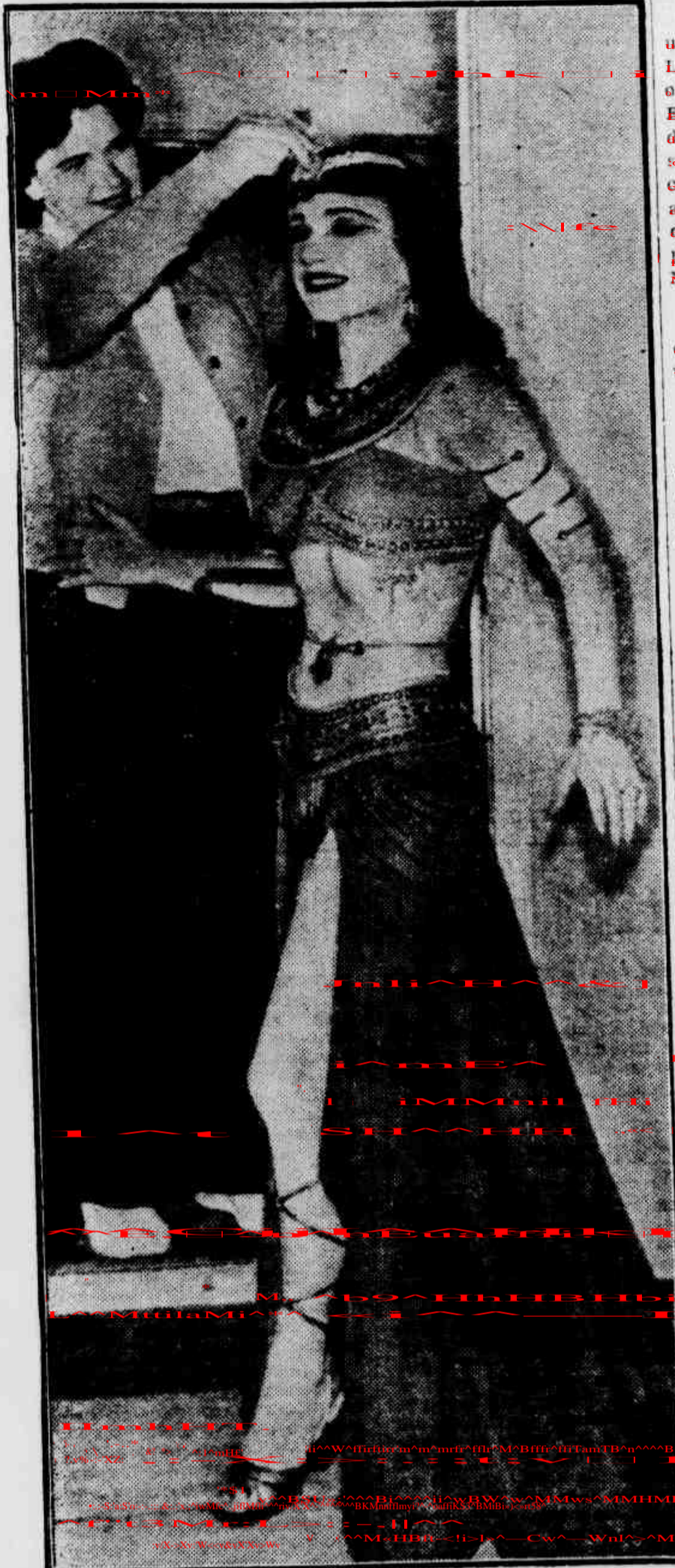
Pensa em mim que sofri por teus amores  
e que por ti, chorei amargo pranto,  
e rezando por mim, meu doce encanto,  
esquece os meus passados amargores.

Uma por uma colhe com desvelos;  
(qual se minha alma então ali florisse)  
aquelas flores para os teus cabelos.

E guarda-as com ternura e com meiguice:  
são versos que te fiz sem escreve-los;  
as palavras de amor que eu não te disse.



LIZ TAYLOR NÃO VAI DEIXAR O CINEMA



Durante a filmagem de uma das últimas produções da M. G. M., Lana Turner contracenava com o galã latino Ricardo Montalban. Era uma cena de paixão: Ricardo, sem dizer palavra, aproximava-se, abraça a "estrela" e beija-a com todo fervor de uma alma apaixonada. Lana Turner, quando se vê livre dele e pode respirar, inalga, então, do diretor Mervyn Le Roy:

— Como é? Não tem diálogo?  
— Para que? — responde o director. — Quem é que iria ouvi-lo?

O verdadeiro nome do ator Tony Curtis é Bernard Schwartz. Apesar de parecer alemão é americano, natural da cidade de Nova York.

Motra Shearer (que não é parente nem nada de Norma) está sob contrato na J. Arthur Rank Organization, em Nova York. A "estrela" de "Sapatilhas vermelhas" continua colhendo os resultados do bom acolhimento que esse filme encontrou em todas as platéias da América. Motra Shearer vai aparecer novamente em "História de Três Amores", da M.G.M., em notáveis bailladas.

Jinx Falkenburg, a loira mais alta do cinema, é de nacionalidade espanhola, natural de Barcelona.

Os dois mais populares comicos do cinema, o "Gordo" e o "Magro", não estão produzindo no momento. Oliver Hardy completou 61 anos de idade e Stan Laurel 58, mas continuam firmes e bem humorados como sempre, se bem que o "Magro" já não esteja tão delgado...

A luta entre a televisão e o cinema parece que vai durar tanto quanto a guerra da Coreia... Os produtores cinematográficos entendem que a T.V. já está fazendo concorrência, embora pequena, aos seus negócios. E estão tomando precauções contra essa grande competidora. Uma delas diz respeito à exibição de fitas pela televisão; eles querem que a T.V. somente transmita películas cinematográficas já retiradas da circulação, que tenham, pelo menos, sete anos de exibição nos cinemas... Não é muito, pois mais velhas ainda temos visto em "reprises" que o publico deixa de agradecer porque não encantou...



ELIZABETH TAYLOR

Com um boato de que Elizabeth Taylor ia retirar-se da atividade e tornar-se apenas uma dona de casa, por estar aborrecida dos estúdios. Entretanto, a crônica de Hollywood registra a assinatura de um novo contrato da formosa aráida com a Metro, por mais sete anos e com salários astronômicos. Provavelmente, o boato teve origem no fato de Elizabeth Taylor, haver se licenciado, em 1952, por estar esperando seu primeiro filho e por ela já haver manifestado, uma vez, o de-

sejo de dedicar-se inteiramente ao lar e a seu esposo, o ator inglês Michael Wilding, agora também engajado no cinema norte-americano.

Elizabeth completou 21 anos de idade a 27 de fevereiro deste ano. E está rica. De acordo com a lei, quando ela era menor, uma parte de sua renda foi recolhida em bancos e aplicada em títulos, somente sendo entregue à artista, por ordem judicial, após haver a mesma alcançado sua maioridade.

"O Cangaceiro" no Festival de Edimburgo

Já foram selecionadas películas do Brasil e do México para o 1.º Festival Internacional de Cinema de Edimburgo, que será realizado de 23 de agosto a 13 de setembro. Vão ser apresentadas no e-nearso mais de 280 películas procedentes de 34 países, e serão concedidos diplomas de merito as que ganharem o concurso.

O Brasil apresentará a película "O Cangaceiro", dirigida por Lima Barreto, e rodada no interior de São Paulo, tendo por cenário o sertão brasileiro. Foi apresentada no festival recentemente realizado em Benin, onde causou grande impressão. Esta

fita está atualmente na Finlândia, de onde será enviado diretamente ao Festival de Edimburgo.

Organizado pelo Instituto Britânico de Cinematografia e pelo Conselho Escocês de Cinema, constará do programa do festival um curso sobre a arte e a história do cinema, que durará 15 dias. Serão realizadas também duas conferências internacionais de cinema: a primeira, uma delas sobre a relação entre a televisão e o cinema, e a outra sobre o papel que desempenha o cinema a respeito da sanidade pública. (B. N. S. b.)

A simpática "estrela" Anne Baxter sempre se distinguiu como artista dramática, interpretando papéis serios. Todavia, agora vai ela dar-nos uma demonstração de seu talento na comedia, fazendo que o publico a admire tambem no genero jocoso, ao mesmo tempo que exhibirá sua elegancia, com a apresentação de duas duzias de vestidos lindissimos. Pelo menos é o que anunciam os cronistas.

Trata-se do filme "My Wife's Best Friend" (O melhor amigo de minha mulher), cujo titulo

em português ainda não foi escolhido. A comedia é muito divertida. E Anne Baxter surge novamente loira, com um talhe esbelto (ela fez dieta para reduzir o peso), e tem momentos bem felizes no desempenho, segundo a critica que assistiu à previa da película, produzida pela 20th-Century Fox.

Pode-se ter uma ideia de como Anne aparecerá na comedia pela gravura que ilustra estas linhas, fragmento apanhado quando ela se preparava para entrar em cena, como bailarina oriental.

Mais uma produção com Jennifer Jones

Desde que apareceu em "A Canção de Bernadette", a grã-diosa Jennifer Jones conquistou as simpatias dos fans cinematográficos do mundo inteiro e seu nome se inscreveu logo, como o de uma "estrela" de primeira grandeza na constelação de Hollywood. Ela, realista, se impõe pela naturalidade da interpretação e pela graça do seu porte de jovem bem prendada pela natureza.

Depois de "Androcles e o Leão" a RKO Radio produziu "Coração indomito", com Jennifer Jones e David Farrar. Uma historia que prende pela sua emoção, pelo seu sentido da vida... Quando Jennifer chegou à Inglaterra para fazer "Coração indomito", o fez com identidade desconhecida, pois havia duas semanas que tinha contraído nupcias com David O. Selznick, produtor do filme, e

grande era a excitação reinante no povo de Londres para receber a estrela que tinha casado com o mais importante produtor independente de Hollywood.

"A vida apaixonada de Clemenceau"

Reunindo documentos das atualidades cinematográficas, fotografias, estampas, caricaturas e mesmo cenas de filmes de ficção (reconhece-se de passagem uma sequência de uma obra de Griffith, incomparavel pintor de batalhas), Gilbert Prouteau conta na tela a vida repleta de Georges Clemenceau.

O filme de Gilbert Prouteau representa uma proeza: pelo movimento da objetiva, a variedade da paginação dos documentos e sobretudo por sua riqueza, a obra chega a estremecer a fremito. É uma esplendida realização da arte da montagem. (S. P. I.).



O cinema ganhou notavel incremento no México, que hoje conta com artistas de prestigio. E os produtores já se arrisecam mesmo a montagens de grande pompa e movimentação, a exemplo desta sátira em que MARIA ANTONIETA PONS e LUIS SANDRINI viveram as figuras de Cleopatra e Marco Antonio.

# DI-FUN-DIN-DO O ENSINO POR ONDA LONGA

## O RADIO UTILIZADO PRATICAMENTE COMO FATOR DE ALFABETIZAÇÃO E DE PROPAGANDA DE UMA VIDA MELHOR

NOVA YORK, via radio — No meu apartamento do Hotel Continental em Bogotá entrou com passo firme um sacerdote alto e magro, de olhar cintilante e com um objeto misterioso em baixo da batina.

Era o padre José Joaquim Salcedo, inventor de um sistema educativo que não necessita de escolas e que de longe ensina a população inteira. Até no físico se parece com o famoso padre Lacordaire que na França do Século XIX quis ressuscitar a ordem dos frades pregadores.

O objeto misterioso era um minúsculo receptor de radio que colocou em cima da mesa e sintonizou com uma de suas "classes". Disse-me que naquele mesmo instante uns 12 mil camponeses, reunidos em torno de 300 receptores em patios, salas e corredores escutavam com avidéz, aprendendo não só a ler e a escrever mas também a viver.

"A alfabetização", disse-me o padre Salcedo, "não é a nossa principal preocupação. Antes de mais nada, queremos despertar no povo o desejo de melhorar e comunicar-lhe um primeiro impulso de recuperação intelectual e economica."

Para começar, empreendeu o estudo da vida, dos costumes e das preocupações dessa gente, com a ideia de que a leitura por si só não tem atração suficiente para essas criaturas simples que têm de enfrentar diariamente tantos problemas de ordem pratica. E' preciso mostrar-lhes que a instrução pode facilitar-lhe a solução dos seus problemas. E como todos os interesses fundamentais dessa gente giram em torno da agricultura e dos trabalhos diários do campo foi nessas atividades que o padre Salcedo baseou o seu programa educativo, utilizando o radio como meio de divulgação e a ajuda de Sutatenza como laboratório. Visitamos esse laboratório de 9 mil habitantes cujo nome em quichua quer dizer "A Aldeia do Alto".

### POR UMA VIDA MELHOR

O padre Salcedo pôde realizar em quatro anos nossa pequena comunidade o que leva dezenas de anos para conseguir-se e raramente se consegue nas povoações rurais do resto do mundo. Milhares de pessoas aprenderam os fundamentos de uma vida melhor: ler e escrever, as regras basicas do asseio e da higiene, a maneira de melhorar as culturas e vender com proveito as colheitas, o emprego dos adubos e das maquinas, assim como a melhoria do gado.

Os programas transformaram em realidade o mundo exterior. Cantinas e botecoins foram substituídos pelos esportes e pelos centros culturais. O crime foi praticamente eliminado, ao ponto de já não haver necessidade de policia. Anuncios comerciais? Nunca. "Desenvolvemos uma obra com raizes na ética desinteressada do cristianismo", diz o padre Salcedo. "Se executássemos sem integridade e com espirito de lucro, poderíamos transforma-la num veludo do mal. Poderia ser uma catastrophe".

### A CARREIRA DO PADRE SALCEDO

A instancias minhas, o padre Salcedo me conta alguma coisa dos seus primeiros tempos. Nascido em Bogotá, o seu interesse pela educação de adultos surgiu ao contato com soldados e presos. Não podia conformar-se com a sua ignorancia dessa gente. Quando chegou a Sutatenza como paroco em 1948 ficou ainda mais impressionado com os problemas sociais da população.

Como gostava muito de radio, resolveu servir-se dele. Fez as primeiras experiencias num pequeno transmissor fabricado por ele mesmo e com receptores enviados em lombo de burro para os pontos mais afastados da região. Pouco depois, fazia transmissões diarias, chamando a todos pelos nomes e pedindo que o ouvissem diariamente.

O éxito foi prodigioso. Os camponeses não só o ouviram

mas também tiveram tanta fé no seu projeto que colaboraram na construção e instalação dos aparelhos e com materiais e doativos que chegaram a atingir o valor de 150.000 dolares.

P-O-I  
**CARLOS DÁVILA**  
(Ex-presidente do Chile)

Agora, em sua nova instalação que compreende três amplas salas numa pitoresca casa colonial de pau florido, o padre Salcedo dispõe de um moderno equipamento de transmissão e gravação comparavel ao que de melhor existe nos Estados Unidos.

### AULAS PELO RADIO

Com o auxilio do padre Rodríguez, bolsista da UNESCO, o padre Salcedo supervisiona a gravação elétrica e a transmissão das suas aulas. Graças aos 5.000 receptores que serão instalados neste ano pelo governo colombiano e os melhoramentos que transformarão a sua emissora na mais potente de toda a Colombia, o padre Salcedo espera orientar e enriquecer a vida de 200.000 habitantes da zona rural.

"Por sobre montanhas e pantanos... rumo às casas mais modestas se transmitirão notícias, musica e instrução", disse-me ele, acentuando que assim estarão vencidos os maiores obstáculos que se opõem à educação rural na America Latina: as distancias e os caminhos intransitáveis.

### DEZ CENTAVOS POR ESTUDANTE

O seu sistema é sem duvida uma das melhores soluções para o problema de analfabetismo que ainda atinge o mundo. O custo é incrivelmente baixo — sendo de 10 centavos por ano por pessoa, quando o governo colombiano gasta 150 dolares com cada estudante — e pode ser posto em funcionamento instantaneamente, sem necessidade de uma longa e custosa formação de professores, que é o fator em que têm tropeçado outras campanhas educativas.

O padre Salcedo emprega o que chama de "auxiliar local", um estudante adiantado que já sabe ler e escrever e faz o papel de diretor, ajudando os outros por meio de um quadro negro, no qual escreve e explica a lição à medida que a mesma é transmitida pelo radio.

"O nosso trabalho" diz o padre Salcedo, "ainda está em sua etapa experimental". Explica que o radio é utilizado com fins culturais e educativos há mais de 30 anos e que a originalidade do seu sistema consiste apenas na organização dos centros receptores em forma de escolas.

### A AÇÃO DA UNESCO

"Há dois anos, a UNESCO fez um convite ao padre Salcedo para que fosse a Roma explicar e informar sobre os seus metodos e propositos, a fim de estudar-se a possibilidade de emprega-lo em campanhas educativas em outras regiões. Em consequencia disso, o auxilio da UNESCO será aumentado neste ano com a remessa de três técnicos estrangeiros. Esses técnicos trabalharão em Sutatenza e conforme o resultado dos seus trabalhos poderão determinar a criação de um centro internacional de educação funda-

### Televisão britânica para a Europa Ocidental

Discute-se, em Londres, a possibilidade de uma instalação permanente de ligações de televisão entre a Grã-Bretanha, França, Belgica e Holanda, e a República Federal Alemã.

Ao dar essa noticia, a BBC disse que essa iniciativa se segue à vitoriosa recepção pela França, Holanda e Alemanha Ocidental dos programas de televisão das cerimônias da Coroação e de outros programas.

mental pelo radio na Colombia.

### ENSINO PARA MILHÕES

Tornamos a ver o padre Salcedo no Brasil dois meses depois, quando foi convidado pelas Nações Unidas para assistir ao seminário sobre bem-estar rural no Rio de Janeiro.

Falou-me dos seus planos para este ano em que tem "uma das emissoras mais poderosas do continente americano".

Depois de dois anos de experiencias elaborou-se um novo tipo barato de receptor para as suas "radio-escolas". Nos proximos meses serão distribuídos 5.000 deles.

A entidade privada sem fins comerciais "Ação Cultural Popular", fundada por ele tem agora um programa nacional que utiliza o radio, o cinema e o teatro, com fim de promover não só a educação das massas rurais mas também o seu bem-estar economico e cultural.

"Que os 200.000 colombianos que esperamos educar por esse meio", disse o padre Salcedo quando falou no seminário, "sejam a vanguarda de muitos milhões de camponeses da America Latina para os quais chegará a luz do saber com a ajuda das forças tecnicas e morais". Amen.



AUTO-RETRATO de J. Mori, jovem e talentoso pintor paulista

## O retorno de "Poil de Carotte" na "Comedie-Française"

OS que outrora viram Madame Berthe Bovy no papel de "Poil de Carotte" e se lembram da interpretação que ela deu, depois de tantas outras comediantes, a personagem do infeliz rapazinho, com certeza que se comoveram vendo-a agora em Madame Lepic no mesmo celebre ato de Jules Renard. O milagre, é que Berthe Bovy não é menos impressionante na mãe desumana do que foi no papel do rapazinho. Este drama de dois seres que não se amam, ou antes que supõem não se amar, e sojrem secretamente de não amar, a atriz interpretou-o assim pelas duas pontas. Mas não era esse o unico interesse da "reprize": pela primeira vez — pelo menos no teatro, pois a experiencia tinha sido feita no cinema — "Poil de Carotte" é representado por uma jovem atriz, M. Jean-Paul Roussillon.

Por muito que nos tenham impressionado, desde Suzanne Després a Berthe Bovy, os desempenhos de grandes comediantes, não se pode negar que um rapaz, representando este papel de rapaz, dava ao personagem um aspecto impressionante. A experiencia parecia pois condenar o "travesti". Mas não seria melhor realmente condená-lo em principio, pela acrobacia e virtuosismo que implica, pela especie de genio que exige.

Por muito prodigiosas que tenham sido Després ou Bovy, ou, no plano dramatico, uma Sarah Bernhardt representando Hamlet ou Lorenzaccio, não é infinitamente preferível que Poil de Carotte, Hamlet ou Lorenzaccio encontrem os seus interpretes em homens que a uma ficção não acrescentem outra? Problema particularmente delicado para "Poil de Carotte", pois não é facil achar um jovem comediante capaz de desempenhar a personagem: é precisamente a sorte que teve agora a "Comedie-Française". Se acrescentarmos a perfeita interpretação de Louis Seigner em Monsieur Lepic e de Mme. Andrée de Chauveron na criada, esta reposição merece ser marcada com uma pedra branca.

A peça foi estreada em 1900 por Antoine. Foi extraída de um romance que é antes uma serie de narrativas em torno da vida do filho Lepic, terceiro da familia e passa-culpa a quem os cabelos ruivos deram o apelido de "Pêlo de Cenoura".

Jules Renard chegou ao teatro por um desvio: muitas das

suas peças são transpostas de romances ou novelas. O éxito, em 1897, de Plaisir de Rompre, tirado de uma novela, Rupture, incitou-o a tentar o mesmo com Poil de Carotte. O

P-O-I  
**JEAN-JACQUES BERNARD**

resultado foi notavel e Jules Renard daí em diante se creveu para o teatro, à execução feita, claro, do Journal que só apareceu depois da sua morte.

O teatro deu-lhe muitas alegrias, mas, também, muitos dissabores, que para um homem ultra-sensível como o autor do Journal, tinham um travo demasiado amargo. Ele proprio conta que, chegando uma vez a correr ao Teatro Renaissance, onde se representava Le Pain de Ménage, a sua obra-prima dramatica, com uma peça esquecida já não sei de quem, a empregada lhe disse: "Não se apresse assim, é ainda a pequena peça". E' certo que Renard se divertia à sua custa; mas deixava-se ferir. Basta ler o Journal. As minimas ofensas de amor-proprio torturavam este homem que toda a gente supunha feliz.

De resto, através de "Poil de Carotte", onde a biografia transparece, vê-se quanto realque de infancia não pesava sobre a vida do homem feliz e do grande homem.

Nem o sol nem a morte podem ser encarados firmemente. — LA ROCHEFOUCAULD.

A imaginação governa o genero humano. — NAPOLÃO BONAPARTE.

Tristan Bernard, que tinha imensa ternura por ele, contava a este respeito, uma anedota saborosa. Assistiam juntos a um almoço desportivo, meio em que Tristan Bernard era muito popular, mas no qual Jules Renard era perfeitamente desconhecido.

— "Só vêem a si", dizia Renard com um riso amarelo.

Mas inchou todo quando alguém se aproximou dele e lhe disse:

— "Ah, senhor Renard, tenho uma grande admiração por si!"

Passado um tempo...

— "Há dez anos que faço o possível por não fumar..."

A inquietação permanente de Renard, quem a descobriu verdadeiramente antes da publicação do seu diario postumo? Este homem sempre desconjado, sempre na defensiva, parecia ter uma vascara que não deixava de ser intimidante. Conheci-o; era ainda muito novo (morreu em 1910) e poucos homens me deixaram semelhante impressão. Intressava-se por mim, pelas minhas tentativas, ajudava-me afetuosamente com conselhos. Mas sentia apesar disto um certo mal-estar perante os seus olhos perscrutadores, que olhavam na alma sem dizer nada do coração que escondiam.

Durante muito tempo, supus que eram os olhos da curiosidade, da curiosidade apaixonada. Agora sei que eram os olhos da inquietação.

Um sabio nunca está menos só do que quando está só — SWIFT.

O que comunica um segredo a outro torna-se seu escravo. — BALTAZAR GRACIAN.

## RUI BARBOSA JORNALISTA

Durante cerca de oito anos, a pena de Rui Barbosa, escreveu maravilhas para as paginas do "Diário da Bahia". Deve-se contar esse periodo entre 1872 e 1880.

Rui era o mais moço e o unico que não era pago, sendo talvez o que mais necessitasse.

De uma feita, ousou tomar 500\$000 emprestados à direção da folha, que lhe abriu uma conta nos livros, deduzindo-lhe uma a uma, as parcelas com que ia entrando, até ter pago o ultimo vintem.

Apesar disso, Rui continuou a colaborar gratuitamente, e ainda sem ganhar jamais um unico real, foi o redator-chefe do grande órgão dos liberais, substituindo naquele posto a um conselheiro de Estado. Tudo isso espanta ainda mais, quando se sabe que os outros redatores eram muito bem pagos.

A injustiça, entretanto, não inutilizava a pena do homem que desinteressado foi e sempre se manteve, trabalhando mais por gosto, que para ganhar dinheiro. E por isso pôde ele fazer no "Diário da Bahia", alem das mais belas paginas literarias, a campanha da eleição direta, os artigos abolicionistas e as paginas contra a conserção.

# Falta uma estatua no Louvre: a de Tônia Carrero

ESTA é uma entrevista com Tônia Carrero. Antes de tudo, temos de falar da sua beleza. Creio que é o que todos fazem mas, não se trata de rotina e sim de obrigação. Assim como temos de falar diante de uma obra de Miguel Angelo ou de Rembrandt.

A noção de beleza muda de pessoa para pessoa. Mas quando qualquer de nós vê uma coisa que preenche a nossa concepção do belo, experimentamos uma emoção que é sempre a mesma em cada caso. Um navio no mar, o desabrochar de uma flor, uma cidade iluminada, um belo poema, a sombra das folhas, um céu estrelado, macieiras na primavera — milhares de paisagens, de sons ou de palavras que despertam em nós a idéia da beleza — são as gotas de chuva que impedem o espírito humano de morrer de sede. A beleza é o sorriso na face da terra. Basta apenas termos olhos para vê-la e sensibilidade para entendê-la. Isto é Tônia. A musa que tanto procuravam os poetas — um poema colorido que não pode ser cantado senão em versos.

## A ENTREVISTADA

Tônia estava atrasada mas, aquele dia tinha de ser completo — sua ama, que a criara desde menina, nos ficou fazendo companhia. Criatura admirável, que mais parecia as babás dos romances do século passado. Contou-nos passagens da vida de sua patroa e as peripécias que tinha de fazer, para esconder o endereço aos jás, que usam todos os ardis para falar com a "estrela" da Vera Cruz. O telefone não parava. A popularidade de Tônia é enorme. Maior que a de Anselmo Duarte; recebendo tal numero de cartas que



veremos aquela criatura linda, sensual ao extremo, ser ao mesmo tempo tão humana, fazendo esforços para se tornar agradável. Ela é única. Vale por uma galeria de arte e outra de simpatia.

## A ENTREVISTA

Está quase terminando "E'



Duas "poses" naturalíssimas de Tônia



somente vendo se acredita. (Como eu fiz).

Tônia chegou afinal. Desde há muito, eramos seu conhecido mas, como Tônia e Marcos — aquele seria o primeiro encontro da "estrela" e do reporter — isto nos deixava um tanto receoso. Receio sem fundamento algum. Depois de uma entrada espetacular, pirotécnica, ofuscante como uma queima de fogos de artifícios, começou uma conversa na mesma maneira de ser, da que conheceramos no desabrochar de sua carreira. Era realmente estranho vermos uma pessoa tão simples numa figura tão imponente e bela. Tudo nela é grandioso, teatral, como quem espera palmas e flores, mas nada composto — tudo nato, fazendo parte de sua figura, como o sangue que lhe corre nas veias. E' ela a prova de que Deus existe. Mostrou um interesse enorme por tudo que estávamos fazendo: Deu-nos conselhos e se não tomássemos cuidado seríamos nós os entrevistados. Tônia, alem de atriz, é uma mulher inteligente, de uma prosa agradávelíssima (duas horas durou a entrevista sem que nenhuma vez surgisse um silêncio constrangedor) — mostrando uma finura, uma educação e uma concepção de ver as coisas, realmente fascinante. Qualidades rotineiras mas, difíceis de serem encontradas.

Mostrou-nos compras que havia feito, durante a tarde; sorriu, cativou, respondeu ao que perguntávamos com uma boa vontade impar. Foi uma tarde memorável. Estranho

proibido beijar" ao lado do felizardo Mario Sergio. Aparece loiríssima, toma banhos de espumas, usa não sei quantos vestidos, e tem o papel de jovem fútil, moderna e sagaz. — Prato de resistencia dos seus tempos de palco — sobre o que podemos, portanto, fazer uma ótima previsão. Tônia não tem sido feliz nos seus filmes da Vera Cruz, ao que concordamos plenamente: — julgando "Apassionata" uma calamidade, não mostrando também muita simpatia quanto à sua "Branca", de "Tico-Tico no fubá" (no que não concordamos, em absoluto).

## "O AMERICANO"

Sobre o filme que deveria fazer, ao lado de Glenn Ford, mostra-se um tanto desapontada com a perda do papel. Mas, bem longe está do abatimento. Apesar do baque — que descontrolaria qualquer um — mostra-se admiravelmente forte, encerrando tudo no lugar das coisas passadas, pensando apenas na oportunidade que terá em "Ana Terra". Deu-nos uma bela lição de como saber perder. Aliás, ela não perdeu nada. Seu filme baseado no romance de Erico Verissimo, será tal sucesso que o filme de Stillmann desaparecerá por completo no comparção.

## DIRETORES

Gosta de Ugo Lombardi e considera Celi o maior de todos, na direção dos atores. Frisa que não conseguiu ele o nível de Lima Barreto (por quem tem muita admiração) mas, o justifica pelos maus

"scripts" que recebeu. Falando a verdade, o que teve "Tico Tico..." foi a direção, porque tudo era vazio com quase nada para se fazer.

## O TEATRO

Já estávamos com a pergunta formulada desde que chegamos: E o teatro?

Já três ou quatro vezes o T.B.C. a anunciou e sempre com o mesmo resultado: "nada feito". O que é uma pena. Tônia, porém, continua em sua idéia e nos afirma:

— "No ano que vem, somente assinarei contrato com a Vera Cruz se houver uma cláusula sobre o teatro. Eu o farei, nem que seja preciso formar companhia própria." Isto não foi dito em forma hipotética mas, como quem já tem a coisa como definitiva.

— "O teatro — continua — nos dá uma emoção que o cinema não permite. Além do mais, é ele uma escola muito maior e melhor".

Quanto às peças, que gostaria de representar, mostra-se inclinada pelas de Shaw (principalmente Pigmalião) e "Stá. Julia" de Strindberg — mas tudo são apenas idéias.

## O AMOR

Sobre isto, nada perguntamos. Não queríamos ser indiscretos e estragar o que estávamos recebendo. Enfim, se tudo era feito para nos tornar agradável por que, iríamos entrar num terreno em que ninguém gosta de falar? Amor é para ser sentido e não para estar em jornais. Só sei que Tônia reflete toda a felicidade de que uma pessoa possa ter.

## EM DEFESA DA "ESTRELA" E DO DIRETOR

Quando foi anunciado que "Ana Terra" seria estrelado por Tônia, e dirigido pelo sr. Adolfo Celi, muitos foram os descontentes. Descontentes por não pensarem dois minutos. "Tônia é bonita, é mulher de mais para o papel, e Celi é italiano, nada entendendo de assuntos nacionais" — diziam os rumores. Mas vejamos: "O sobrenome Terra não foi dado a esmo, sem um significado especial — assim como poderia ser Silva ou Pedrosa. Não. Terra ficou, por ser o elemento básico da existencia da família — não apenas o elemento de sustento, mas o ar que respiravam, o proprio sangue que lhes corria nas veias. Sem a terra, não existiam e, por isso, o seu sobrenome. A idéia de amor, não era pelo país todo — uma vez que naquela época remota não existia Brasil na mente dos seus filhos, mas um sentimento profundo pelo pequeno pedaço lavado que os sustentava. (Conclui na 14.a pag.)



Escreve

MARCOS JOURDAN

## COMENTANDO E NOTICIANDO

### "QUE FIM DE SEMANA"...

... de Noel Coward, será a proxima estréia do "Teatro Intimo". "Garota 53" de Isa Leal e Miroel Silveira, ficou para mais tarde. A direção será do estreador Antunes Filho.

\* \* \*

### "ANA TERRA"...

... "O Sertanejo", "Floradas da Serra", "O Canto do Mar" — serão os filmes que representarão o Brasil no Festival de Cannes em 1954. Como vemos a lista é grande e muitissimo boa. Adolfo Celi, Lima Barreto, Luciano Salce e Cavalcante são os respectivos diretores. Tônia Carrero e Cacilda Becker concorrerão também ao premio de "melhor interpretação feminina".

\* \* \*

### MARIA DELLA COSTA...

... fará uma temporada no "Santana" após a de Eva Tudor. Inaugurará este ano mesmo o seu teatro proprio, perto da av. Nove de Julho. A peça de estréia, ao que parece, será "Ana Karenina".

\* \* \*

### CLEIDE YACONIS...

... terá, finalmente, a sua grande "chance" no T. B. C. E' a principal figura da peça de Pirandello que está em ensaios no referido teatro. A direção é de Adolfo Celi. Embora Paulo Autran seja o primeiro personagem masculino, os srs. Valdemar Wei e Fredi Kleemann têm as melhores oportunidades. Dina Lisboa faz a sua estréia naquela companhia. Celia Biar, Moná Delacy, Maria Augusta, Corsi, Linhares, Calderaro completam o elenco.

\* \* \*

### SÃO PAULO...

... às vezes nos enche de orgulho. E' uma das poucas cidades do mundo em que "A Morte do Caixeiro Viajante" foi um sucesso de bilheteria. Agora, "Luzes da Ribalta" está quase batendo recordes, com filas intermináveis por mais de quatro semanas.

\* \* \*

### "DOROTEIA"...

... a mais discutida das peças já encenadas de Nelson Rodrigues, está em estudos para ser levada no "Teatro Intimo". Eleonor Bruno foi a criadora do papel titulo, quando representada no Rio de Janeiro. Embora tivesse uma direção cuidada de Ziembinski, mal aguentou uma semana em cartaz.

## UM TEATRO SOBRE RODAS

Um numero muito reduzido dos que visitam a Grã Bretanha ouviram falar do teatro "Century", mas em muitas cidades e aldeias está começando a ser conhecido e benquisto. Esse teatro "sobre rodas", é o primeiro a apresentar às comunidades desprovidas de teatro peças classicas que são levadas à cena por profissionais talentosos.

Verdadeiro triunfo da engenhosidade mecanica, foi construido por John Ridley e ajudado por alguns entusiastas num deposito de maquinas imprestáveis. A idéia foi concebida durante um encontro ocasional que teve com um jovem ator, Wilfred Harrison; cerca de 1.000 admiradores da arte teatral, incluindo personalidades famosas do mundo literario e teatral da Grã Bretanha muitas firmas e dezenas de pessoas desconhecidas, asseguraram o custo do equipamento do teatro e dos reboques em que vivem os artistas. O material compõe-se de 19 reboques, um grande caminhão, dois "jeeps" e quatro imensos veiculos que se abrem para formar um verdadeiro teatro, com capacidade para 225 espectadores. O aquecimento central está instalado na sala de espetáculos em que os assentos confortáveis estão dispostos de maneira a permitir uma visão perfeita do palco; este mede 9 metros sobre 5,50 mts. Nos bastidores, onde até banho de ducha existe, os atores têm todo o conforto possível. Um gerador movel fornece electricidade ao teatro.

A companhia possui 17 membros, e 9 atores e o restante atrizes. "Vedettes" e artistas recebem o mesmo salario, numa base de duas libras por semana, e comem e dormem nos carros-rebo-

ques. A ambição do "Century" é a de apresentar peças desconhecidas, as que as companhias em "tournée" não levam à cena senão raramente.

## "AI VEM O PATO"

Em comemoração ao primeiro aniversario do programa "Ai Vem o Pato", a direção da G-9, resolveu apresentar sua programação de hoje, a partir das 18.30 horas, diretamente do Teatro Colombo.

## Programa de "rentrée" da Comédie Française

Estão previstas numerosas criações e reprises para a "rentrée" da Comédie-Française, em Paris.

"Les Noces de deuil" de Philippe Herliat, será criada a 7 de outubro na sala Richelieu; "La Verite est morte" de Emmanuel Robles, estreará a 22 de outubro na sala Luxembourg e uma peça de Maurice Druon, "Le Voyageur", está inscrita no repertorio dessa mesma sala antes do fim do ano.

Um grande sarau Mollere compreenderá "Georges Dandin" e "La Comtesse d'Escarbagnas", numa mise-en-scene de Georges Chamarrat, na sala Richelieu, onde será criada em meados de dezembro a peça de Sir John Barrie: "Peter Pan", numa adaptação de Claude-André Puget e uma mise-en-scene de Julien Bertheau.

O ano de 1954 verá a criação de uma peça de Emile Mazaud: "Dardanelle", a reprise de "Craquinbille" e as de "Caprices de Marianne" e "Boubourche".

O sr. Descaves, administrador geral, desejará igualmente que se reprises "La reine morte" de Henri de Moterlant, e "Les Corbeaux" de Becque, numa mise-en-scene de Fernand Ledoux. Seria ainda confiada a Ledoux a mise-en-scene da peça de Bernard Shaw: "La profession de Mrs. Warren".

Só falta a data para os ensaios gerais, de "En attendant l'aurore" de Mme. Simone e da "Jeanne d'Arc de Peguy. (S.F.I.)

Foi Baudelaire que o sagrou tal, no seu *Salvo de 1869*: "A imaginação de Delacroix! Uma imaginação que nunca recebeu escalar as alturas difíceis da religião: o céu pertence-lhe, como o inferno, como a guerra, como o Olimpo, como a voluptuosidade. Este é bem o tipo do pintor-poeta!" Ficamos pois reconhecidos a Anne Fontaine de nos vir lembrar, num pequeno volume requintado, o gênio poético do que foi um dos maiores pintores franceses.

Ela própria é poetisa. Sabe pois de que fala. Mas põe também, sem duvidar muito, um terrível problema. É certo que Baudelaire o fizera antes. É muito simplesmente o da essência da poesia e das relações que prendem as outras artes. Com efeito, se Delacroix foi um grande escritor — o "Diário" prova-o — é difícil tomar em consideração os seus ensaios poéticos de juventude. É que, quando se fala de poesia, há que entendê-lo em dois sentidos: um estético, em que a poesia se rediz a uma forma particular da expressão, e outro, mais lato, em que a poesia se mistura a todas as grandes manifestações artísticas.

Evidentemente, é neste segundo sentido que devemos tomá-la. Certos quadros podem ser mais ou menos carregados de poesia. O grande rival de Delacroix, Ingres, era certamente muito menos poeta que ele e muito mais estritamente desenhador. A imaginação de Delacroix veste-se de uma forma bastante particular, apoia-se no real superando-o constantemente. E é precisamente o que exprime Baudelaire quando mostra nele o pintor do céu, do inferno, e mesmo do Olimpo, sem falar da guerra.

Parece-me que não incomodo ninguém se disser que Eugène Delacroix foi o grande romântico francês. Inglês, alemão de origem, o romantismo no domínio exclusivamente pictórico, nunca chega a desenvolver-se totalmente em França, é o que apetece dizer depois de reler as obras das que passaram por ser os grandes românticos franceses: Hugo, Lamartine, Vigny, e sobretudo Musset, ainda tão próximo de Marivaux. Somos mais bem sucedidos se procurarmos entre os poetas menores (ou tidos como tal, como Gérard de Nerval, por exemplo, Mas com Delacroix a intenção romântica realiza-se plenamente. Em que consistiu ela, no certo? Não podemos evidentemente pretender, num breve artigo, esgotar esta imensa questão.

Creio no entanto que há romantismo — e esse romantismo — como de resto o classicismo é eterno — sempre que há procura consciente, não do real, mas da superação do real. O classicismo seria o domínio da realização, o romantismo da superação. Era nisso precisamente que Ingres era um clássico. Quanto à própria faculdade poética, não há dúvida que a colocamos mais do lado da superação do que do outro. Eis uma, entre mil das questões que levanta o Delacroix poeta (1) de Anne Fontaine. De resto é bom não haver precipitação nesta matéria: a poesia pode estar tanto de um lado como do outro. Mas é outra poesia, a que não está espessa em todas as artes. Um quadro perfeitamente realizado não é necessariamente um quadro poético. Ora, a beleza própria das obras-primas de Delacroix, é que elas quase nunca são perfeitamente realizadas. A noção do inefável não é apenas literária. Aplicou-se a todas as artes. O que Delacroix tenta exprimir pela sua pintura, é o que, em última análise, não se pode exprimir, mas apenas sugerir. Neste sentido particular, pode-se, com efeito, dizê-lo poeta. A imaginação é nele a faculdade principal, muito mais do que a observação. Delacroix inspe constantemente ao real as distorções e as transposições mais estranhas, aproximando-se por aí de Tintoretto, entre todos os outros venezianos. Talvez a cor seja tam-

bem mais poética que o desenho. Mas não é apenas na maneira de Delacroix que se deve procurar a prova da sua faculdade poética. É também na inspiração que o anima, precisamente como faz Anne

## Artigo de JACQUES MADAULE

Fontaine. O que a autora escreve sobre Delacroix poeta não é senão isso, com efeito, é a meditação poética que a interessa acima de tudo. E aqui, parece-me o paralelo com Beethoven seria justo, pois é a "mesma paixão que os anima".

A paixão de abraçar todo o humano e de se elevar acima dele. Paixão de Titã, pois é preciso arrear ao mesmo tempo toda a carne, essa carne que Delacroix muito amou, que acateou com o pincel com ternura e desespero e da qual escreveu estas linhas extraordinárias: "Quanto às seduções que desarrastam a maioria dos homens, nunca me inquietei muito com elas... O que há de mais real para mim, são as ilusões da minha pintura... O resto é arca móvel". O criador vive noutro mundo, cujos elementos tirados do nosso são de uma realidade mais profunda. Em certo sentido, o pintor como o poeta tentam eternizar o instante, transfigurando-o. O que há de mais notável na personalidade de Delacroix é a consciência que tinha do que fazia. Pois este grande pintor foi ao mesmo tempo um grande espírito e uma grande alma. Delacroix medita sem cessar na pintura em particular e na arte em geral, na

sua relação com a vida, na relação entre o sonho e a realidade. O encontro dos poetas era pois natural, primeiro Baudelaire, que admirava em Delacroix a obra com que sonhava, de que nem sempre estava certo de ter escrito, realizada noutra língua. É preciso desconfiar, diz-se, dos pintores que escrevem e raciocinam sobre a sua arte. Hoje, temos uma noção estrita da pintura pura ou da poesia pura, que considera qualquer mistura sacrilega, sem razão, parece-me bem. Por isso era necessário que alguém nos lembrasse que Delacroix foi um poeta. Só assim lhe podemos render a justiça que merece e ver nele a expressão sem dúvida a mais completa do gênio francês do século XIX.

Esta afirmação poderá parecer temerária. No entanto, e variada no que ela teve de tempo se afasta, os verdadeiros valores tomam o seu justo lugar. Se, no século a seguir à morte de Delacroix, a pintura francesa ultrapassou as fronteiras da França, foi porque esta escola francesa, tão diversa e variada, no que ela teve de melhor, se inspirou de Delacroix; porque se era pintura acima de tudo, procurava também, por intermédio do quadro, exprimir o humano nas dimensões mais altas.

Foi assim que se viu evoluir neste mundo elegante e um pouco dúbio do Segundo Império essa silhueta ativa de Eugène Delacroix, portadora de um mandato secreto, possível de exprimir, ou antes de criar, porque a imaginação do seu autor errava pelos espaços. E não esqueçamos o pudor deste homem discreto e um pouco distante que se entregava através de um véu, por vezes afastado por um sopro que não vinha da terra. — (SFL).



"FERROVIA" — Fotografia exposta no V Salão de Arte Fotográfica de São Paulo por Angelo F. Nutti

## FALTA UMA ESTATUA NO LOUVRE...

(Conclusão da 13.ª pag.)

va: onde nasciam e pretendiam morrer. O Brasil em si, não lhes interessava, pois não lhes pertencia. Para aqueles homens, o amor só aparecia com a ideia de posse. Querem passar este caráter particular para o generico é tirar a história e a verdade. O romance do sr. Erico Verissimo não teria mais valor. Este sentimento de que querem muitos, só apareceu muitíssimo tarde. Ora, um tal assunto nada tem que ver com o nosso país de hoje. O drama da terra tem um caráter geral e tanto poderia passar aqui, como em qualquer parte. Este problema todas as nações tiveram em seu início — é algo de universal.

Portanto, o caso do sr. Celi ser italiano nada diz. Pelo contrario. Quanto a Tonia Carro, também a vejo com todas as possibilidades para o papel. Ana Terra não era alguém quase masculina, ruda e seca como querem ver. Isto era apenas um verniz, posto pela necessidade. Antes de tudo, ela foi mulher e uma mulher que amou. Ela souso justamente sair do meio ruda. A terra tem o seu rito. Tem a época das estações, e tempo de plantar e o de colher. São como as peças de um relógio. Aqueles homens assim também o eram. Viviam na lei que o tempo impunha: assim foram criados e não supunham existir algo além. Era uma coisa imutável, como o vento, a chuva ou o sol. Ana desobedeceu à lei — quis ser mulher e amar. Dai o drama. O fato de ser Tonia bonita demais, nada diz. Eleanor Parker, com toda sua beleza, fez a Mildred de "Serrinha Humana". Alguns poderão dizer: "Mas Eleanor é a melhor atriz do cinema americano (no que concordamos) mas, — ninguém acreditava em Ginger Rogers antes de fazer "Kitty Foyle" (era apenas bailarina). Bette Davis era apenas uma "dramática" antes de ir para a comédia musicada (cantando e dançando) e transformar-se no maior sucesso da Broadway: Olivia de Havilland era apenas uma cara bonita dos filmes de "Robin Hood" antes de lhe darem a "chance" de "Espe-

lhos D'Alma". A lista continua infinita, com mais de mil exemplos.

Achamos que, tanto Celi como Tonia, estão perfeitamente aptas, e com todas as possibilidades para um grande sucesso. Para dizermos a verdade, se fossemos produtor, aí está um filme em que arriscaríamos todo o nosso dinheiro.

### FIM

De toda a entrevistista, ficou uma sensação deliciosa de duas horas passadas em conversa com uma grande atriz, uma bellissima mulher e alguém que apesar de todo o sucesso se mostra simples e encantadora. Muito obrigado por tudo, Tonia.

A política é a arte de distarçar com o rotulo de interesse geral o interesse particular. — E. THIANDIERE.



## Para limpar objetos de ouro

Quando não se tem o cuidado de limpar frequentemente os objetos de ouro, este se embaciam e tomam um aspecto muito feio, que tira todo o seu encanto.

Para lhes restituir o brilho primitivo, misturam-se 20 partes de bicarbonato de sodio, uma parte de cloreto de cal, outra de sal ordinario e 16 partes de agua. Depois de bem feita a mistura, estende-se um pouco desse liquido, com um pincel macio, sobre os objetos. Em seguida esfrega-se com um papel de seda, até deixar seca a superficie que se está limpando.

Essa mistura faz efeito mais rapido se for ligeiramente aquecida.

## A arquitetura moderna brasileira em Londres A procura de Prestes João

CONFERENCIA DO PROF. VLADIMIR DE SOUSA

O dr. Vladimir de Sousa, professor de teoria do Desenho Arquitetónico no Brasil, e nosso representante na Exposição de Arquitetura Moderna Brasileira que está sendo realizada na capital britânica, pronunciou o segundo noticia o B.N.S. — uma conferencia sobre o desenvolvimento da arquitetura em nosso país, no Instituto de Artes Contemporâneas de Londres. Ao terminar a conferencia, o auditorio, composto em grande parte por arquitetos e outros membros do Instituto, felicitou calorosamente o orador por sua magnífica dissertação e fez entusiasmo do elogio à notável beleza e eficiência técnica da arquitetura moderna brasileira.

O eminente arquiteto britânico sr. P. Johnson-Marshall, presidente da reunião, que já esteve no Brasil, falou em termos elogiosos sobre as obras-primas da arquitetura moderna brasileira. "São únicas, disse ele, e ainda melhores do que as fotografias apresentadas na exposição."

O dr. Vladimir de Sousa ilustrou sua conferencia com fotografias coloridas dos mais modernos e belos edificios do Brasil, entre eles o Ministerio da Educação. Despertaram tanto interesse no publico que a pedido deste tiveram de apresentar outra vez, provocando numerosas perguntas entre os assistentes. O conferencista sublinhou o espirito de continuidade da arquitetura brasileira, ilustrando-a com um desenho de uma casa típica do século XVIII, do periodo colonial, cujas linhas se revelam na moderna arquitetura do país.

A elegancia do ceticismo não consiste tanto em duvidar de tudo como em aparentar que acreditamos em alguma coisa. — JACINTO BENAVENTE.



(Conclusão da 4.ª pag.)

Etiopia e o capitão Covilhã para a Índia.

Este ultimo, depois de percorrer grande parte da terra hindustânica, tendo visitado varias cidades, entre as quais Calcut, Goa e Cannor, onde anos mais tarde tremularia a bandeira lusitana empunhada por Vasco da Gama, passou para a Africa e reconheceu as minas de ouro de Sofala, das quais tivera noticias em Madagascar. Até então, nenhum indico descobrira de quimérico rei-sacerdote.

Quanto a Afonso de Paiva, foi infeliz. Tendo chegado ao Cairo, no Egito, lá teve uma questão com dois judeus e foi por eles assassinado. Tendo conhecimento do triste fim do seu companheiro, o capitão Pedro de Covilhã dirigiu-se para a Etiopia, a procura de Prestes João.

Tendo caído nas boas graças do "Rei de Judá", o "Rás" da Abissinia, foi acumulado de honrarias, casou com uma filha do país e lá ficou definitivamente e nunca mais voltou a Portugal. No entanto, como leal português, remetia constantemente informações a d. Manuel, informações essas que foram muito uteis para o prosseguimento das descobertas marítimas.

E o encantado reino do quimérico Prestes João continuava, como sempre, inviolável.

Procurando Prestes João, João Gonçalves Zarco descobriu a Ilha da Madeira em 1419. Em busca de novas descobertas, Antonio Gonçalves e Nuno Tristão dobraram o cabo Bojador. Em 1441 o comendador de Almourol, frei Gonçalo Velho Cabral de Melio, da Ordem de Cristo, descobre a Ilha de São Miguel.

E continuam, pelos anos a fora os capitães lusos na rota de novas descobertas e na busca do legendario rei-sacerdote. O cavaleiro Bartolomeu Dias, que dobrou o cabo das Tormentas, no ponto onde termina o continente enviava a terra negras que estavam sob suas ordens a procurar informações entre os incógnitos a respeito de Prestes João e fazer trocas de mercadorias.

E Vasco da Gama chegou, afinal, a Índia, e o mesmo resultado negativo.

O mito do rei-sacerdote, do legendario Prestes João continua, até hoje, envolto no mais denso mysterio...

# FABULAS DE ESOPHO

## A COTOVIA E OS FILHOS

Uma cotovia tinha feito o seu ninho numa seara. Uma manhã, antes de sair em procura de comida para seus filhinhos, recomendou-lhes que estivessem alertas e que escutassem tudo quanto o lavrador, dono daqueles campos, dissesse, para lhe contarem quando ela voltasse.

E assim foi. No seu regresso, os pequenos contaram-lhe que o lavrador tinha por ali passado com o filho e que ambos haviam determinado chamar os vizinhos para os ajudarem a ceifar o trigo.

Então, disse a cotovia mãe, ainda não há perigo.

No dia seguinte as cotoviazinhas contaram-lhe que o lavrador tinha passado de novo, ali com o filho, e que ia dizendo a este que fosse chamar os primos para o ajudarem a segar.

Quando isto ouviu, a cotovia mãe pensou que o perigo ainda não era iminente.

Ao terceiro dia os passarinhos disseram à mãe que tinham ouvido dizer ao lavrador que ia ele próprio e os filhos segar o campo.

— Ah! sim? interrogou a prudente cotovia; então é chegada a hora de fugirmos daqui. Eu bem sabia que nem os vizinhos, nem os parentes do lavrador o ajudariam na tarefa; mas se é ele mesmo que vai ceifar, então não temos outro remédio, senão mudarmos para outro campo.

**MORAL — QUEM QUER VAI, QUEM NÃO QUER MANDA**

## O BURRO E JUPITER

Um hortelão possuía um burro que já estava cansado de levar diariamente hortaliças para o mercado; um dia pediu a Jupiter que lhe concedesse outro dono.

Jupiter escutou as suas súplicas e deu-lhe por dono um fabricante de telhas que o fazia ir todos os dias ao povoado com uma grande carga de telhas.

O pobre jumento achou esta tarefa muito mais pesada que a primeira, e pediu de novo a Jupiter que lhe desse outro dono. Desta vez entrou no serviço dum cortador de peles que o tratou com muito mais crueldade que os outros dois.

Quando o burro quis voltar para o seu primeiro dono, era já muito tarde.

**MORAL — DEVEMOS NOS CONTER COM A NOSSA SORTE.**



## O AZEITE FLUTUA SOBRE A AGUA

A primeira vista, parece muito curioso que um líquido possa flutuar à superfície de outro; porém, se refletirmos um instante, veremos imediatamente que o fato dum corpo flutuar ou não sobre a superfície da água depende de duas coisas; em primeiro lugar de que o referido corpo seja ou não solúvel na água.

Por exemplo, se introduzirmos um torrão de sal na água, veremos dissolver-se rapidamente e desaparecer. Pelo contrário, se em vez do sal, introduzirmos um pedaço de madeira leve este flutuará porque a água não o dissolve e faz-lo permanecer, por consequência, intato, e porque o peso do pedaço de madeira é menor que o da água. Acontece exatamente o mesmo com o azeite.

Os azeites e as gorduras são completamente insolúveis na água, e, como em volumes iguais o azeite pesa menos que a água, há de flutuar sobre a superfície desta. O azeite flutua, pois à superfície da água pela mesma razão que a água flutua à superfície do azeite.

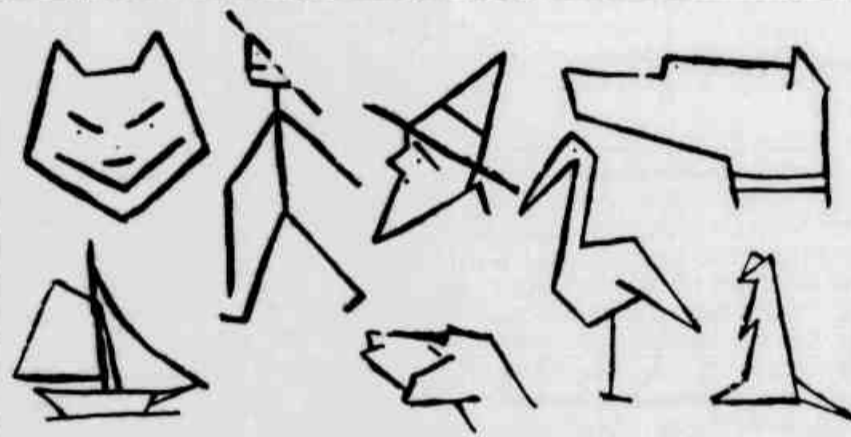
## O CAVALO E O BURRO

Um cavalo e um burro iam caminhando por uma estrada, seguindo seu dono. O cavalo não levava carga nenhuma, mas a do burro era tão pesada, que ele mal podia andar e por isso pediu ao seu companheiro que o ajudasse a levar uma parte dela.

O cavalo que era egoísta e de má tempera, negou-se a prestar aquela ajuda e o pobre burro daí a pouco caía morto no caminho. O dono, ainda o quis aliviar da carga, mas era já tarde, e por isso teve que passar tudo para cima do cavalo juntamente com a pele do burro morto.

Assim o cavalo, que não tinha querido fazer um pequeno favor, viu-se obrigado a levar, ele, toda carga.

**MORAL — AS VEZES TEMOS QUE PAGAR BEM CARO O NOSSO EGOISMO.**



Desenhos feitos com 12 linhas. Procurem contar e verão.

## É IMPOSSIVEL AFUNDAR NO MAR MORTO?

Somente nos afundamos na água quando ela é menos densa que o nosso corpo. A água doce não é tão densa como a água salgada, e por isso é mais fácil nos mantermos à tona da água no mar.

As águas do mar Morto con-

## O BIG BEN DE LONDRES

A uma altura de 360 degraus, na Torre de Westminster, está o celebre relógio a que os ingleses chamam "Big Ben", que há mais de 70 anos marca o tempo para os habitantes de Londres.

De baixo não se pode fazer ideia do seu tamanho. Tem 4 mostradores de 7 metros de diâmetro, um a cada lado da torre quadrada. Os ponteiros dos minutos têm 4, m. 25 de comprimento. A pendula pesa 200 quilos. Os algarismos dos mostradores tem 60 centímetros e os espaços para marcar os minutos medem cada um 9 centímetros quadrados. O ponteiro dos minutos do "Big Ben" salta de cada vez 15 centímetros.

O sino do "Big Ben" é de cobre e estanho, tem mais de 2 metros de altura e o diâmetro da boca é de 2,80.

Para o relógio poder ter força para dar horas é necessário dar corda ao seu mecanismo 3 vezes por semana, trabalho que emprega 2 homens durante cinco horas.

Em combinação com o mecanismo do "Big Ben" há um aparelho que transmite telegraficamente duas vezes por dia, a hora para Greenwich, para se saber se o tempo marcado por ele coincide com o tempo indicado com todo o rigor pelos cronômetros do celebre observatorio astronómico.

Durante o dia o mostrador é visto à distancia e durante a noite os focos de luz elétrica colocados por detrás dele, permitem também que as horas sejam vistas de bem longe.



## A LENDA DOS MIOSÓTIS

Uma vez, Nossa Senhora saiu a procurar o Menino Jesus, seu divino filho, e não podia encontrá-lo. Era essa a vontade de Deus!

Quando Nossa Senhora ia atravessando um campo, coberto de florinhas muito brancas, lembrou-se das gotas de leite com que tinha amamentado Jesus. Então, com saudades do filho, seus olhos, que são azuis, da cor do céu, vertiram tantas lagrimas, que todas as florinhas ficaram molhadas daquele orvalho brotado do coração da Mãe de Deus.

Foi então que se deu um milagre: as florinhas de brancas que eram, ficaram azuis, cor dos olhos de Nossa Senhora! E ficaram azuis até hoje, para que todos saibam do milagre.

Assim apareceram na terra os miosótis.



Redação: Prof. MARIANA DE BERNARDES LIMA

## PORQUE A TERRA NÃO SE INTERPÕE NO CAMINHO DE OUTROS MUNDOS

Sabe-se que a terra e os outros planetas se mantêm nas suas respectivas orbitas graças à atração do sol; portanto, como nenhum destes astros pode sair da sua orbita, não é possível qualquer interposição no caminho dos outros. Mas com certos corpos celestes podem-se dar choques entre eles e a terra ou qualquer dos outros planetas. Sucede isto algumas vezes. Os cometas, que são de certo modo mundos independentes, embora muito pequenos, entram por vezes atraídos pelo sol, no sistema solar e são desviados das suas trajetórias pela influencia de algum planeta.

Jupiter é um planeta gigantesco e está mais longe do sol que a terra; por isso, costuma ser ele que se interpõe na orbita de alguns cometas e vice-versa.

Jupiter tem podido aprisionar deste modo varios cometas, e se realmente os não tem aprisionado, tem-nos feito mudar de direção como nós temos que fazer quando alguém se nos põe adiante. E' muito possível que o satellite de Jupiter descoberto por ultimo, quem sabe se mais algum outro, tenha sido aprisionado deste modo.

E' provável que tivesse sido um mundo independente até ao momento em que, acercando-se demais do gigantesco planeta, ficou preso e obrigado a girar em torno dele, como acontece com todos os satellites.

Também é muito possível que, do mesmo modo, a terra fizesse prisioneira a lua, por esta se ter interposto no seu caminho; mas é muito mais provável que primitivamente aquela fizesse parte da propria terra.

## O PELICANO E O MARABU

Não há no mundo aves cuja figura e atitudes sejam tão cómicas como as do pelicano e do marabu. O pelicano é tão grande como o cisne; tem a plumagem branca tingida de vermelho mais amarelada no peito dos mais velhos. As penas desta região do corpo terminam em ponta e toda a plumagem é muito áspera. Mas o que há de mais notavel no pelicano é o bico; a parte superior é comprida, larga e chata, termina num gancho que se encurva para a parte inferior. Na parte inferior do corpo tem esse animal uma grande bolsa que pode ser reduzida muito quando esta vasia e que se dilata à medida que vai guardando nela toda a pesca recolhida numa das suas excursões venatorias. Este sacco é comparavel a uma rede, e como tal o usa esta ave. Quando nada apanha todos os peixes que pode mas não os engole, simplesmente os guarda naquela bolsa. Quando vem para terra é que o saboreia com todo o seu descanso.

Mas o papel mais importante que este sacco desempenha é permitir a ave alimentar os seus filhinhos; os pequenos pelicanos metem o bico no da mãe e comem tantos peixes quanto lhes apetece. Apesar da sua figura grande e desajeitada quando em terra, o pelicano voa com elegancia e o espectáculo dum bando destas aves, cruzando o espaço, é um quadro que nunca se esquece.

Na America (incluindo o nosso país), como nas regiões quentes da Europa, há pelicanos onde haja lagunas de alguma extensão.

Apesar do seu aspecto não ser dos mais atraentes, muitas pessoas na India apanham o marabu. Pretende-se que o marabu é capaz de comer duma só vez animais tão grandes como gatos.

Esta ave fornece penas brancas e macias de grande valor e que são muito procuradas. Uma das particularidades destas aves consiste numa especie de bolsa que tem na base do pescoço e que pode contrair ou dilatar a vontade. Supõe-se que esta bolsa desempenha um certo papel na respiração do animal.



O pelicano e o marabu aves diversas têm uma particularidade em comum, a bolsa na parte inferior do pescoço.



O valente fala pouco e obra muito. — CALDERON.

A alma é um ser divino ou semelhante a Deus, de quem se aproxima pela razão; é imortal. — SOCRATES.

Paciencia, coragem mais rara do que aquela a que chamamos valentia! — CAMPOAMOR.

## NOSSOS CONCURSOS

### CONHECE VOCÊ A AMAZONIA?

Estamos recebendo as primeiras contribuições para o concurso deste mês. Como dissemos, consiste numa prova de conhecimentos geograficos; os pequenos leitores precisam apenas desenhar o contorno do mapa do Brasil e localizar nele o rio Amazonas e seus principais afluentes. Só isso.

Em seguida, mandem a prova para a redação do "Correio Paulistano", à rua Líbero Baduró, 665 — ou Caixa Postal, 8.004 — São Paulo — mencionando nome, idade e endereço completo, até o dia 31 deste mês, impreterivelmente.

Os três melhores trabalhos serão premiados com um bellissimo livro, oferta da Livraria Civilização Brasileira S. A., à rua 15 de Novembro, 144 — Capital — que gentilmente patrocinou estes concursos infantis do Suplemento do "Correio Paulistano".

Estão à disposição dos interessados, residentes nesta capital, os livros que couberam por premio aos vencedores do "Concurso da letra 'A'"; os quais deverão comparecer à administração do nosso jornal, no horario normal, reclamando o seu premio com d. Julia, munidos, é claro, da prova de identidade.

O menino que acaba de visitar o Museu de Zoologia vai refletindo pelo caminho:

— Sim, sr.! Visitei um circo morto...

# Ainda não é possível dar uma resposta definitiva sobre os problemas essenciais da arte da pintura

## O ABSTRACIONISMO DE MANESSIER E BISSIERE, TEMA INTERESSANTE PARA A CRITICA

### CORREIO PAULISTANO

ANO II || SÃO PAULO, 16 DE AGOSTO DE 1953 || N. 65

A arte abstracionista mais intransigente teve, em fins do ano passado, um certo destaque com as exposições que alguns de seus expoentes realizaram nas galerias de Paris. Artistas conhecidos obtiveram quase o unânime apoio da critica, até mesmo de críticos e amadores que não costumam tomar partido pró ou contra uma teoria ou uma tendência mas que admitem a presença do talento, ainda quando ele se manifesta em oposição às suas preferências.

Manessier, na Galerie de France; Bissière, na de Jeanne Bucher; Lansky, na de Louis Carré; Geer Van Velde na Maeght, parecem ter feito prévio ajuste para esta demonstração notável, como se fosse desejo deles um confronto de seus trabalhos e também por esse meio provar a diversidade das soluções propostas pela arte abstracionista e a possibilidade exaltante de cada um de inventar um vocabulário individual correspondente ao que deseja dizer. Mas é justamente nesta extrema liberdade, nesta responsabilidade total do artista, que residem ao mesmo tempo a sedução e o risco da arte abstrata, por isso que aí se acentua a sua solidão.

Nada é mais significativo, sob este ponto de vista, que a evolução demonstrada pelos antigos, pela sua orientação no sentido do não-figurativo.

artista ao absoluto mas não testemunha com exatidão uma filiação justificada ou premeditada.

Ao contrario, quando se trata de um artista mais velho, que durante anos seguidos fez estudos e ten-

Artigo de  
RAYMOND COGNAT

tativas nos mais diferentes sentidos, que provou assim seu desejo de não ser sistematico, a adesão à arte não-figurativa assume um aspecto muito mais valioso e nos coloca diante de um problema que não se poderá solucionar tão facilmente.

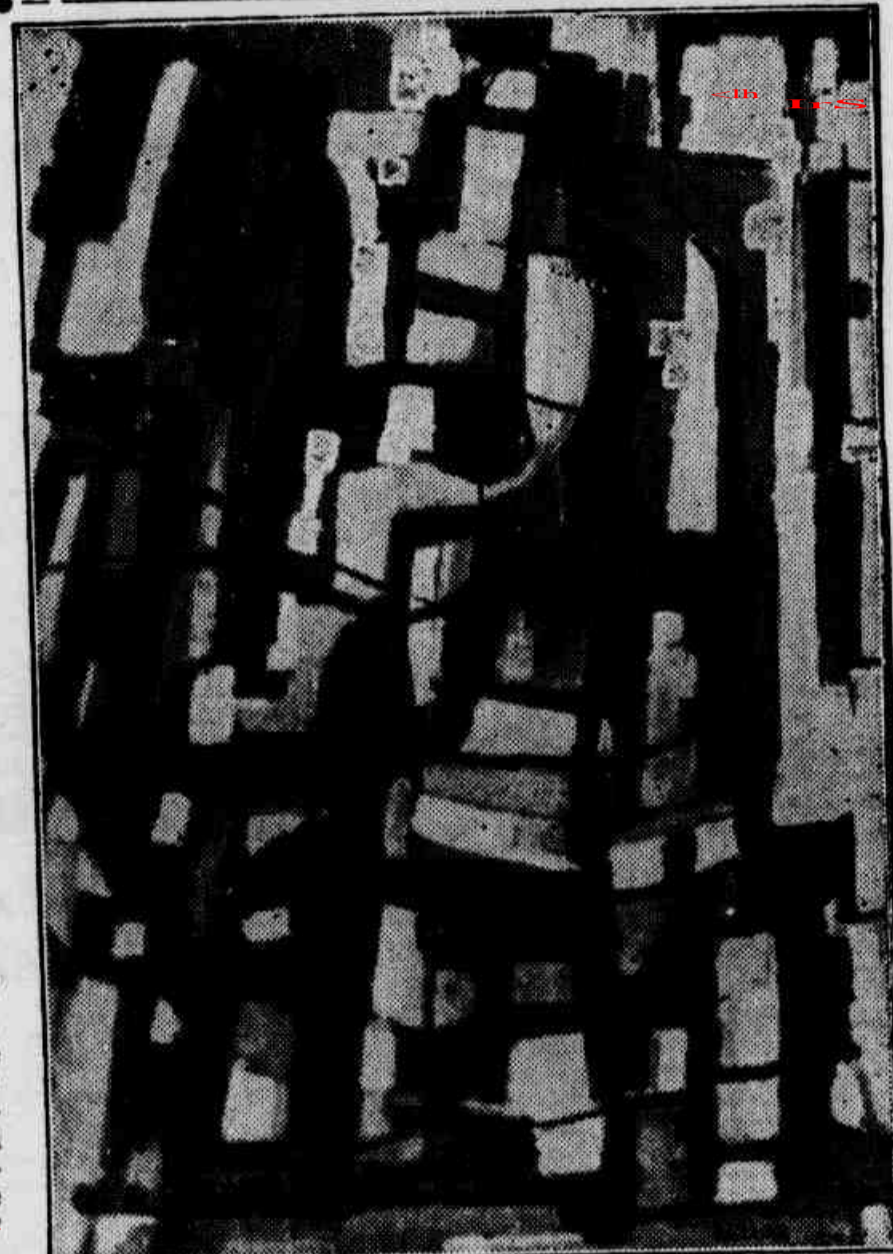
Tal é o caso em relação a Bissière e Manessier, sobre os quais duas recentes exposições permitem um juízo mais exato. Um e outro trouxeram à arte abstrata uma adesão perfeitamente lucida e que está longe de ser espontânea; mesmo agora não se poderia dizer, quer quanto a um quer quanto a outro, se se trata de um desligamento total do figurativo pois é impossível afirmar que o tema esteja ausente.

Com efeito, Manessier teve o cuidado de dar títulos adequados a cada um de seus quadros, títulos esses que não são uma vaga proposição poética mas evocam imagens, sugerem ações e personagens. Por exemplo: "A noite do Guetsemane" ou

meio de orientar esta meditação, de propor uma via de acesso para que o acordo com o artista seja facilitado. Manessier, como todo pintor abstrato, emprega um vocabulário magico com formas de que só ele conhece o sentido, mas ao mesmo tempo propõe a chave que permite decifrar cada mensagem, pelo menos no seu espirito geral. A arte, concebida assim, não é, pois, um simples exercício plástico e tende à expressão profunda de valores sentimentais, tão distante da anedota realista como das formas e harmonias gratuitas do agrado dos estetas puros do "não-figurativo".

O caso de Bissière não é menos interessante. Este artista, que obteve o Premio Nacional de Artes, é certamente um daqueles que tiveram a maior influencia sobre as gerações dos jovens artistas que se sucederam nos ultimos vinte ou trinta anos. Pelos seus artigos, por seus conselhos quando professor na Academia Ranson, pela sua vida de solitario modesto, pela sua obra, que, partindo do cubismo, tem sido sempre uma esmerada procura, difícil, sem a pretensão de agradar, ele conseguiu alcançar mais respeito do que propriamente gloria. O premio que o poz ultimamente em destaque foi por todos considerado como um grande galardão e veio em parte reparar uma injustiça da sorte. Ele deu evidencia ao nome do artista no momento em que uma exposição de seus trabalhos permitiu, depois de longa ausencia, compreender em que foram empregados estes anos de silenciosa ocupação, interrompida apenas, ha uns dois ou três anos, por uma curiosa mostra de tapeçarias em que Bissière obteve efeitos de grande suntuosidade com materiais dos mais modestos, com pedaços de pano quase inutilizáveis.

Ora, tendo Bissière explorado as fontes da pintura, utilizado as formas conhecidas, deformado o objeto segundo a necessidade de suas sucessivas experiencias, chegou, por sua vez, ao abstrato, a esta pintura sem tema e que francamente o recusa. Mas o que mais curioso se observa no caso de Bissière é que, por mais absoluta que seja sua tomada de posição, não tem ela um caracter negativo e não constitui um repudio tão total como ele proprio poderia crer. Sem duvida, suas composições não representam nada de reconhecível, mas todas elas dão uma impressão de realidade. Trata-se aí de um interessante fenomeno: não se sabe o que elas representam, mas representam qualquer coisa que nos parece familiar. E' inegavel que para manter-se assim tão proximo do humano, tão perceptivel, o artista parte da realidade e apesar do cuidado tomado a fim de evitar que subsista essa realidade inicial, esta acaba marcando cada uma de suas obras. Tal impressão é tão intimamente ligada à pintura propriamente dita, à sua essen-



"A FEIRA" — Quadro de BAZAINE

cia, à sua materia, que as reproduções fotograficas não podem dar a minima idéia da arte, pois, na sua complexidade, ela apela para todos os meios de que dispõe um artista também mestre de sua técnica, o qual desenvolve sua criação como se fosse uma sinfonia intima.

Com Geer van Velde, encontramos-nos ante um outro artista cuja arte a mais abstrata dá também a impressão de roçar a realidade. Faltaria bem pouco para que suas composições se tornassem paisagens, interiores, naturezas mortas, profundamente requintadas, nas quais as combinações de formas e de cores esplenderiam numa luminosidade subtil e preciosa.

Assim, nestes casos particulares, as fronteiras entre a arte abstrata e a arte figurativa (para empregar uma terminologia talvez imperfeita mas com a significação da qual toda gente está quase de acordo), as fronteiras-dizíamos — entre os dois modos de expressão, as duas formulas, se tornam bem difíceis de determinar.

Já pensamos de outro modo quanto a um artista como Lansky, que apresenta composições comple-

tamente inventadas, como também são aquelas de um Kandinsky ou de um Magneili, e que devem sua sedução unicamente ao brilho de suas harmonias, aos ritmos das formas e dos movimentos. Apesar do alcance incontestável de certas telas deste pintor estamos diante de uma arte muito mais incomunicável que aquela dos outros artistas que citamos. Desta vez, as pontes foram derubadas, penetramos numa seita de iniciados e, mesmo que aí encontremos pessoalmente coisas satisfatórias, continuamos a acreditar que seria reduzir singularmente as possibilidades da arte e sua necessidade de permutas humanas essa preocupação de reservá-las a uma casta de iniciados.

Assim, por algum tempo, os problemas essenciais da figuração e da não-figuração foram expostos em Paris sem que nenhum artista ou amador tivesse podido, com toda evidencia, dar uma resposta definitiva, pois se de um lado é inutil negar o caracter hermetico de uma certa pintura, por outro lado não é menos inutil deixar de reconhecer o desenvolvimento alcançado por esta e a atração que ela vem exercendo sobre alguns excelentes artistas.



"CARREFOUR" — Um dos curiosos quadros de Bazaine expostos em Paris

Entre os moços, presenciávamos tomadas de posição categoricas e a adoção de um principio que não é necessariamente o termo de uma série de experiencias e que não prova uma escolha tendo por base a pratica de outras disciplinas. A intransigencia do principio adotado prova acima de tudo o amor do

"Verônica" não constituem palavras de incerto sentido. Na verdade, não devemos julgá-las sem importancia relativamente à obra pintada. Elas são a porta aberta para o misterio engendrado no alma do pintor. Essas telas de Manessier são todas um apelo à meditação. O título que ele dá é um

## UMA LIÇÃO DE TALLEYRAND

O banqueiro Rothschild e o príncipe de Talleyrand jogavam o "ecarté". No momento de pagar, caiu da mão de Rothschild uma peça de ouro, 1 "louis". (20 francos). Afastando a cadeira, o banqueiro abaixou-se, mirando debaixo dos móveis. Talleyrand sacou, então, de sua carteira uma nota de 500 francos, enrolou-a, e acendeu-a em uma vela do candelabro, dizendo sorridente e mordaz:

— Permite-me que a queime?